



atos

do conselho geral

ano LXXI — out.-dezembro, 1990

n. 334

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

Moyses

a t o s

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 334

ano LXXI

outubro-dezembro

1990

1. CARTA DO REITOR-MOR	Pe. Egídio Viganó Espiritualidade Salesiana para a Nova Evangelização ...	3
-------------------------------	--	----------

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	32
	4.2. Crônica do Conselho Geral...	32
	4.3. Atividade dos Conselheiros ..	33

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Decreto sobre o milagre para a beatificação do P. Filipe Rinaldi	41
	5.2. O novo Conselho Geral.....	42
	5.3. Novos Inspetores	44
	5.4. Novos bispos Salesianos	48
	5.5. Irmãos falecidos	49

Tradução:

Pe. Ervino Martinuz

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 441

03105 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 277-3211

Telex: (011) 32.431 ESPS BR

Fax: (011) 279-0329

1. CARTA DO REITOR-MOR

ESPIRITUALIDADE SALESIANA PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Introdução — Nem moda nem o mesmo refrão, mas uma verdadeira exigência nova — Energia indispensável para o "itinerário" de fé — A realidade traz consigo sinais de temor — Nós somos enraizados no poder do Espírito Santo — No grande rio da espiritualidade "salesiana" — No seguimento de Dom Bosco — Formemos comunidades evangelizadas — Sob a orientação da Auxiliadora, Estrela da nova Evangelização — Augúrio final.

Roma, 15 de agosto de 1990
Solenidade da Assunção de N. Senhora

Queridos Irmãos,

uma cordial saudação também em nome dos membros do novo Conselho Geral. Reunimo-nos nalguns dias para aprofundar juntos as orientações do CG23 e para esboçar um programa de animação e de governo para tornar mais incisivos e eficazes os nossos serviços às Inspetorias neste sexênio. Tendes em mãos os Documentos Capitulares e estais estudando os conteúdos.

Gostaria de acompanhar-vos nesta tarefa tão vital com algumas reflexões que considero importante.

Dois são os elementos fundamentais que iluminam o significado global do nosso CG23: o primeiro é que ele quer inserir-nos eficazmente no movimento eclesial da "Nova Evangelização"; o segundo é a convicção e a constatação que a indispensável energia de marcha na caminhada e nos itinerários da fé é a "Espiritualidade".

Sobre a nova Evangelização já vos falei,¹ nesta carta convido-vos a refletir sobre a nossa "Espiritualidade".

O texto capitular apresenta-a como o segredo de sucesso na educação dos jovens à fé.

A nova evangelização exige muitas qualidades e competências. Mas, enquanto a espiritualidade pode suprir, ao menos em parte, outras carências, nenhuma outra qualidade ou competência pode suprir a falta da mesma.

Será portanto conveniente que procuremos juntos algumas das motivações, porque somos chamados a dar muita importância a este argumento e a assegurar-lhe uma verdadeira prioridade na programação da formação.

Convido-vos, ainda, a rezar com particular intensidade pelo feliz êxito do Capítulo Geral XIX das Filhas de Maria Auxiliadora. Elas esco-

¹ ACG n. 331, outubro-dezembro de 1989

Iheram como tema de seus trabalhos: "Educar as jovens: contribuição das FMA para uma nova evangelização nos diferentes contextos sócio-culturais". Este tema, como evidenciou a Madre na carta de convocação do Capítulo, focaliza o aspecto qualificador da nossa missão: "viver na Igreja e na Sociedade a serviço da educação das jovens no espírito do Sistema Preventivo de Dom Bosco". Urge também para elas, como também para nós, confrontar as comunidades com as instâncias educativas mais urgentes, tendo um coração ardente porque renovado por uma autêntica espiritualidade salesiana.

Nem moda nem o mesmo refrão, mas uma verdadeira exigência nova

Alguém poderá perguntar porque o CG23 colocou a espiritualidade em posição de destaque.

Não estaríamos voltando a um tema em certo sentido cômodo e sem interesse histórico, em que nos estaríamos refugiando quase esquecendo as dificuldades? Ou não seria um convite para imitar os grupos que estão na moda, talvez alimentando uma certa alienação diante dos desafios da nova cultura? Ou seja, não seria um assunto pouco prático?

O texto capitular volta-se numa outra perspectiva. A espiritualidade de que fala não é nem uma moda nem um refrão constante, mas constitui, para nós, autêntica fidelidade ao Sistema Preventivo, uma condição prática para a nova evangelização e uma exigência dos tempos novos.

Dom Bosco, que não gostava de eludir a realidade, ensina-nos isso com sua pessoa e com sua pedagogia.²

Com a palavra "espiritualidade" o CG23 quer falar de uma experiência de Deus, que traz consigo o exercício daquela vida teologal de "fé, esperança e caridade" que é fruto da presença do Espírito Santo em nós. Quando o texto fala de "fé" quer exatamente unir vitalmente as três virtudes teologais num único estilo concreto de vida cristã, convicta e dinâmica.

Santa Catarina de Sena dizia que, quando o exercício das virtudes teologais é fraco, o rosto da Igreja aparece pálido. Sem a vitalidade da fé não se consegue educar à fé.

Alma do documento capitular é uma experiência de vida e de ação alicerçada em Deus, uma energia sem a qual somos obrigados a nos perguntar se ainda somos capazes de continuar no itinerário até à meta final.

O interesse pela espiritualidade nasce exatamente disso: o caminho a ser percorrido é novo, é um caminho traçado recentemente, aliás

² cf. **A vida interior de Dom Bosco**, Estréia de 1981, comentário do Reitor-Mor

ainda em elaboração, com itinerários não asfaltados e abertos a perspectivas inéditas que exigem repensar e reavaliar a identidade cristã. Mudou o contexto cultural da fé e é urgente saber esboçar e apresentar em nós e nos jovens o novo rosto do fiel com convicções profundas, com motivações de atualidade e com compromissos concretos no estilo de vida. O Espírito Santo sopra nesse sentido: para a atualidade da fé!

Por outro lado o CG23 nos fez constatar de fato que se manifesta nos grupos juvenis um crescente desejo de espiritualidade.

Sabemos ainda que o Concílio Vaticano II fez uma verdadeira redescoberta do Espírito Santo como pedagogo-protagonista da fé com especiais intervenções neste final de segundo milênio. Os documentos conciliares apresentam uma clara perspectiva do Espírito Santo na visão da Igreja e de sua missão; em particular o decreto "Perfectae caritatis" lembra aos membros dos Institutos de vida consagrada que "como a vida religiosa antes de tudo se orienta no sentido de os membros seguirem a Cristo... a melhor atualização surtirá efeito se for animada por uma renovação espiritual, à qual se deve dar sempre a primazia, mesmo que se trate de promover obras externas".³

Paulo VI percebeu com admiração e esperança que "nós estamos vivendo na Igreja um momento privilegiado do Espírito... recolhemo-nos ao redor dele e queremos deixar-nos guiar por Ele... *Ele age sobretudo através da missão evangelizadora*: não por acaso o grande início da evangelização deu-se na manhã de Pentecostes, sob o impulso do Espírito".⁴

Os movimentos eclesiais nascidos nestes decênios foram considerados oficialmente, em seu conjunto, com expressão de uma nova época de espiritualidade, fruto da "riqueza e versatilidade dos recursos que o Espírito faz brotar no contexto eclesial".⁵

Também toda a nossa renovação, orientada pelo precioso trabalho dos Capítulos Gerais do pós-Concílio, é vista no documento capitular como um envolvimento de todos nós Salesianos no atual compromisso eclesial da nova evangelização. Podeis ler com atenção a "Introdução" do texto: inspira-se à pedagogia histórica de Deus e relê com olhar teológico os nossos últimos capítulos gerais. Vereis como a Congregação situa-se no coração da Igreja a serviço, exatamente, da nova evangelização. O itinerário feito com esta finalidade está assinalado por algumas etapas de pesquisa e de investigação: parte de "missão" — CG20 —, esta é indicada como tarefa assumida pela "comunidade com um projeto" — CG21 —, através do reforço da "consagração apostólica" — CG22 —

³ *Perfectae caritatis* 2e

⁴ *Evangelii nuntiandi* 75

⁵ *Christifideles laici* 29

para responder aos desafios, múltiplos e interpelantes, da juventude hoje — CG23 —.⁶

A palavra que sintetiza vitalmente e assume, de maneira pessoal e comunitária, as exigências desta histórica renovação chama-se “espiritualidade”.

— *O Santo Padre* lembra-nos isso com insistência; antes na carta do Centenário 88: “A originalidade e a audácia da proposta de uma ‘santidade juvenil’ é intrínseca à arte educativa de Dom Bosco, que pode ser justamente definido ‘mestre da espiritualidade juvenil’”.⁷ Depois na Mensagem por ocasião do CG23: “um aspecto a ser aprofundado com interesse é a ‘espiritualidade juvenil’... não é suficiente apoiar-se na simples racionalidade de uma ética humana... É urgente suscitar convicções pessoais profundas que levem a um compromisso de vida inspirado nos valores perenes do Evangelho”.⁸ E ainda no discurso durante sua visita ao Capítulo: “Quanta necessidade existe hoje na Igreja de que os jovens sejam educados... a uma concreta ‘espiritualidade’”.⁹

— *O Reitor-Mor*, por sua vez, já insistiu — na perspectiva do CG23 — sobre este assunto com os irmãos e nas comunidades que visitava para suscitar uma verdadeira espiritualidade entre os jovens. Comentando a Estréia-90 fala explicitamente do testemunho da comunidade: “O Sistema Preventivo exige espiritualidade: o itinerário ‘da fé à fé’ começa a partir de educadores repletos de espiritualidade. Ela não é uma energia só para elites”.¹⁰ No discurso de abertura do Capítulo apresenta o Sistema Preventivo como fruto e fonte de espiritualidade salesiana: “o grande desafio que nos apresenta o tema do Capítulo é o da ‘espiritualidade evangelizadora e missionária’ nas nossas comunidades. Somos ‘educadores’ porque pastores da Igreja de Cristo. A qualidade pastoral é a alma da nossa competência pedagógica, assim como o ‘da mihi animas’ é o segredo vivificador de todo o nosso espírito”.¹¹ Na conclusão de sua Relação sobre a Situação da Congregação (1984-1990) propõe a espiritualidade como o grande segredo de sucesso da nossa renovação apostólica: “a condição fundamental que mais necessitamos para a nossa atividade salesiana exprime-se com uma palavra que se torna para nós um apelo: ‘espiritualidade!’”.¹² E no discurso de encerramento do Capítulo apresenta as tensões de alguns pólos da nossa vida,¹³

⁶ cf. **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 1-14

⁷ **Juvenum Patris** 16

⁸ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 313

⁹ ib. 334

¹⁰ Estréia de 1990, comentário do Reitor-Mor

¹¹ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo 1990, 326

¹² **La Società di S. Francesco di Sales nel sessennio 1984-1990: Relazione del Rettor Maggiore al CG23**, Roma, febraio, 1990, p. 272.

¹³ cf. **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 348

para depois afirmar que a força de unificação brota sempre de uma intensa espiritualidade: “a síntese vital entre estes dois pólos é possível através da força que vem do alto... que vincula inseparavelmente entre si a união com Deus e o estar com os jovens... A força própria da nossa espiritualidade salesiana [é] expressão dinâmica e cotidiana da graça da unidade”.¹⁴

— Finalmente, a Radiografia dos Capítulos inspetoriais e o Documento de trabalho pré-capitular detém-se sobre os aspectos positivos de uma experiência vivida em várias Inspetorias, apontando propostas de pesquisa e de desenvolvimento exatamente para favorecer uma concreta espiritualidade juvenil. Relacionam, neste sentido, muitos aspectos positivos, elementos de conteúdo, modalidades e meios para o crescimento, aspectos críticos e dificuldades, ligações com o compromisso vocacional, e apontam também quais são os núcleos fundamentais de uma espiritualidade juvenil salesiana. “A proposta de estudo sobre a EJS — lê-se — vem ao encontro de uma exigência percebida: quer-se aprofundar na atualidade aquela proposta de vida cristã que Dom Bosco apresentava e à qual comprometia os seus garotos. Não se trata de um estudo histórico, mas de recolher a herança do espírito de Dom Bosco, de revitalizar a sua típica experiência espiritual e educativa, de redescobrir a força educativa do ideal de santidade que apontava aos seus jovens.”¹⁵

Com razão portanto todo o Documento capitular concentra as orientações e as propostas num *itinerário de fé que tem como energia de caminhada a espiritualidade*; em dois níveis: o da espiritualidade dos irmãos e o da espiritualidade dos jovens, de maneira distinta e articulada, mas vital, complementária e organicamente unidas.

Não esqueçamos que é o Espírito Santo — como escreve Paulo VI — quem “suscita a nova criação, a humanidade nova a que deve visar a evangelização, com aquela unidade na variedade que a evangelização tenciona provocar na comunidade cristã. — Por meio dEle o Evangelho penetra no coração do mundo, porque Ele guia no discernimento dos sinais dos tempos — sinais de Deus — que a evangelização descobre e valoriza na história”.¹⁶

Energia indispensável para o “itinerário” de fé

A espiritualidade de que fala o texto capitular está ligada ao conceito de “caminhada” ou de “itinerário”. A caminhada, na Bíblia, costu-

¹⁴ ib. 349

¹⁵ *Schemi precapitolari* 536: para a radiografia do CI, cf 213-244

¹⁶ *Evangelii nuntiandi* 75

ma ter seu início de uma situação de crise para depois encaminhar-se em direção à meta com uma peculiar energia de impulso; pensemos em Abraão e em Moisés.

Para nós, no itinerário indicado pelo CG23, a particular energia de impulso é exatamente a espiritualidade. Ela não aponta respostas específicas aos tantos desafios que nos interpelam: não é um cofre de fórmulas. A crise atual, de fato, interpela-nos a responder não só diante de dificuldades clássicas e rotineiras; os desafios, que dela surgem, aparecem muito mais como "indicadores de uma mudança de época que devemos aprender a avaliar à luz da fé".¹⁷ A espiritualidade ajuda a descobrir, a enfrentar os problemas e alimenta a vontade de caminhar em direção à meta: é fonte de entusiasmo. Consiste numa modalidade típica de viver o Evangelho "no contexto"; portanto é essencialmente criativa, sempre em diálogo com a vida concreta, é também audaz.

Uma espiritualidade, sobretudo aquela salesiana — por causa da sua sintonia com a realidade —, que deve não só ser proposta e reproposta, mas deve também ser continuamente encarnada e revitalizada para que possa crescer e agir sempre com atualidade. Logicamente: ela permanece fiel aos valores vitais das origens e da tradição viva, mas é chamada por sua natureza a ser fecunda e a descer nos meandros da realidade para ser dom de vida, resposta clara e também contestação evangélica.

Traz consigo uma intrínseca força transformadora porque é expressão de uma fé vivida como energia da história. Uma fé (que é também esperança e caridade) não simplesmente ligada a uma doutrina que ilumina a inteligência, mas atitude pessoal, como progressiva experiência de Deus que se torna força de síntese vital em cada pessoa, na sua liberdade, nas suas convicções e, portanto, na sua conduta. Esta atitude caracteriza-se hoje numa forte dimensão social, como nos lembrou repetidamente o Santo Padre e como proclama explicitamente a Exortação apostólica "Christifideles laici": sejam os jovens "protagonistas de evangelização e artífices da renovação social".¹⁸

Dizia-vos no Comentário à Estréia-90 que a fé não existe sozinha; quem existe e age é o "fiel": portanto a espiritualidade é a atitude própria dos fiéis comprometidos! Saber cultivar nas comunidades uma verdadeira novidade espiritual e despertar nas nossas presenças uma gradual espiritualidade juvenil significa vivificar a fé para lançá-la como uma flecha na família, no bairro, na sociedade, para orientar o futuro, para que seja mais em consonância com o plano do Criador.

Estamos presenciando hoje ao declínio das várias ideologias; é um fato impressionante que convida a refletir. Certas ideologias preten-

¹⁷ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 91

¹⁸ **Christifideles laici** 46

diam preencher entre os jovens o espaço e a tarefa da fé. E parecia mesmo que a formação na fé muitas vezes não soubesse suscitar fiéis capazes de evangelizar os sinais dos tempos: confessa-o o próprio Concílio Vaticano II.¹⁹ Eis a questão. O vigor e o futuro das ideologias, ontem, fazem pensar a uma época de fraqueza a formação na fé, a uma insuficiência pedagógica e pastoral na apresentação da Páscoa do Senhor como ponto central da história.

A fé que nos propomos fazer crescer entre os jovens — diz o texto capitular — “não é separada ou posta ao lado do que é humano, histórico, temporal, secular, mas, germinando no interior de tudo isso, dá-lhe significado, ilumina-o e também o transcende, alargando nossos horizontes para além da história”.²⁰

Não é um espiritualismo de fuga, mas uma espiritualidade de fronteira, de busca, de iniciativa, de coragem, numa palavra, de realismo. Isso não diminui as dificuldades; em lugar de disfarçar, toma consciência delas, analisa-as e as enfrenta.

É suficiente pensar na importância dada pelo texto capitular à primeira área do itinerário (“rumo à maturidade humana”), considerada não como um setor separado mas como uma dimensão presente a cada passo da caminhada, toda voltada (também com a contribuição das ciências da educação) na busca de sentido, na percepção da vida como dom e tarefa, no diagnóstico do vazio dos ídolos que surgem. A espiritualidade dos educadores proclama de fato que “a fé exige a vida, e a vida, reconhecida no seu valor, sente — de certa maneira — a necessidade da fé. Em virtude da graça, não há ruptura, mas continuidade entre criação e redenção”.²¹

A realidade traz consigo sinais de temor

A hora histórica em que vivemos é complexa e cheia de perspectivas para o futuro, no bem e no mal. O processo de secularização traz consigo valores e não valores. Desgraçadamente, a evolução da convivência humana volta-se muitas vezes para o negativo. A perda mais próxima e perigosa é a de não necessitar da fé.

Constatou-se isso concretamente na preparação e no desenvolvimento do CG23. É suficiente lembrar o trabalho feito nas Inspetorias e na assembléia capitular para individualizar as dificuldades que encontramos hoje no nosso trabalho educativo. A Bíblia sugere-nos que a consciência de estarmos em situação de crise é condição inicial para prepa-

¹⁹ cf. *Gaudium et spes* 19

²⁰ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 117

²¹ *ib.* 120

rar os elementos a partir dos quais inicia o itinerário de superação: lembremos o Êxodo ou a Parábola do filho pródigo.

Por isso, o Capítulo procurou antes de tudo considerar, com visão pastoral, os vários contextos: do consumismo à pobreza, dos povos de recente emancipação política ao atual êxodo dos regimes totalitários, das grandes nações às minorias étnicas, de um contexto católico às várias denominações cristãs, do ateísmo às grandes religiões. Nestes contextos as instituições educativas (família, escola, associação, meios de comunicação, o ambiente de trabalho) encontram-se numa delicada situação de busca da própria identidade. Os jovens apresentam-se insatisfeitos, em busca de valores, com desejo de novas realidades. Se os observarmos em suas atitudes diante da fé, muitos consideram-se afastados e até estranhos, não poucos são indiferentes, outros também se abertos ao discurso religioso têm escolhas heterogêneas; existem por sorte também jovens cristãos praticantes, mas às vezes sem grandes ideais; finalmente temos os comprometidos que encontram na fé uma concreta orientação de vida e que tornam-se fermento no meio dos outros ("jovens para os jovens"!).

Desta panorâmica capitular e dos interessantes debates em assembléia foram apontados alguns desafios mais urgentes, de âmbito universal. "São desafios que se apresentam de um lado como provocações à nossa vocação de educadores da fé; e de outro, como oportunidades reais carregadas de potencialidade. São ocasiões novas que solicitam a criatividade e a coragem".²²

Foram indicados cinco:

- O desafio do "distanciamento-estranheidade" do mundo da fé.
- O desafio da "pobreza" que tira o vigor e deprime o ambiente tirando-lhe a humanidade.
- O desafio da "irrelevância da fé" na vida e na cultura: é uma mentalidade imperceptivelmente deletérea que pede uma profunda re-significação dos valores e um suficiente nível cultural na apresentação dos elementos salvíficos.
- O desafio do "encontro com as outras religiões"; é um desafio muito comum na Ásia e na África, mas que se torna atual em todos os lugares através das migrações intercontinentais. Cada uma das religiões, também com valores positivos que comporta, apresenta especiais dificuldades de evangelização por causa da sua forte inserção cultural.
- Finalmente, o desafio da "vida": ela é "síntese e matriz de todos os outros, atravessa todos".²³ A intensidade e a ressonância dos seus anseios, desejos, buscas, sensibilidades, ideais, ilusões, amarguras envolvem, de um modo ou de outro, toda a vida e abrem facilmente a al-

²² ib. 75

²³ ib. 87

ma juvenil à insegurança, ao relativismo, à inconstância, à dúvida estéril.

O contexto destes desafios e de tantos problemas pode alimentar um sentimento de impotência que faz duvidar do alcance da meta proposta.

A estes desafios devemos acrescentar as dificuldades internas que encontramos na avaliação objetiva das nossas atuais forças na Congregação (como vários capitulares observaram): então pode também aparecer no horizonte uma espécie de tentação de temor. Quando se escuta falar de envelhecimento em várias Inspetorias, de diminuição das vocações, de lentidão na renovação, de pouca qualidade pastoral, de falta de inteligência em discernir os sinais dos tempos, de superficialidade espiritual ou de genericismo etc., surge uma terrível dúvida: não seria tudo isso (com desafios e problemas) um peso tão insustentável ao ponto de impedir a decolagem?

E se depois pensarmos na provocação global que abala nos alicerces a Igreja por causa das graves ambivalências inerentes à cultura atual: ciência e fé, natureza e graça, cultura e Evangelho, técnica e ética, teologia e magistério etc., aumenta então a neblina pela estrada.

Deus, porém, chama-nos e convida-nos à nova evangelização. E nós encaminhamo-nos com a humildade de reconhecer que a nossa tarefa não é ilimitada e que hoje, mais do que ontem, ela deve contar, mais do que sobre a quantidade, sobre a qualidade das pessoas e das comunidades.

Nós devemos saber olhar para os desafios, os problemas e as dificuldades não para desanimar, mas para calcular objetivamente onde comprometer a nossa coragem.

Ao mesmo tempo procuremos não esquecer os frutos já alcançados; lembremos o Projeto-África, os CCGC de renovação, os projetos educativos e pastorais, os esforços de formação permanente, o reflorescer de iniciativas de estilo oratoriano, o voluntariado, os grupos de animadores, o despertar dos Cooperadores e dos Ex-alunos, a colaboração na Família Salesiana etc.; pensemos na torrente de graças que foi o ano de 1988, olhemos para Dom Bosco e as nossas origens; pensemos naqueles jovens que conosco alcançaram a santidade, naqueles que trabalham nos grupos e que estão já formando um movimento de espiritualidade juvenil.

A história ensina-nos que não existe um início de Evangelização sem inúmeros problemas e dificuldades. Os Apóstolos lançaram-se na evangelização do mundo como perdedores, muito mais do que nós; os Santos, os Fundadores, os grandes missionários não recuaram diante das dificuldades, mas olharam de frente as necessidades, convencidos da indispensabilidade dos mistérios de Cristo e confiantes na intervenção do poder do seu Espírito.

A nova evangelização envolve-nos numa hora em que se realiza uma passagem de época que lembra aquelas mais determinantes na história do homem; somos chamados a saber viver nesta hora impregnada de esperança. Deus consagrou-nos para o futuro dos jovens; enviou-nos para uma tarefa fascinante e Ele mesmo acompanha-nos constantemente no desenvolvimento; quer que sejamos protagonistas de uma renovada hora cristã que seja fermento histórico para o início do terceiro milênio.

Portanto, não indiferença mas esperança!

Nós estamos enraizados no poder do Espírito Santo

Sem uma corajosa interioridade não é possível caminhar; só teremos sucesso nesse empreendimento se tivermos "espiritualidade".

A análise dos desafios faz-nos perceber que é urgente comunicar progressivamente a cada jovem um atualizado e original projeto de vida cristã de acordo com o qual ele "aprende a expressar um modo novo de ser crente no mundo, e organiza a vida em torno de algumas percepções de fé, opções de valores e atitudes evangélicas: vive uma espiritualidade".²⁴

Nas primeiras duas partes do texto capitular acentua-se diretamente a espiritualidade que é preciso inculcar entre os jovens; mas o discurso todo é animado pela espiritualidade educativa dos irmãos. Na terceira parte, finalmente, focaliza-se especificamente a indispensabilidade dessa espiritualidade na comunidade salesiana.

De fato, na caminhada da evangelização a comunidade salesiana sente-se novamente chamada por Deus; reflete sobre a missão recebida; está convencida que Deus age na história; tem consciência que a experiência de Dom Bosco é profética e sempre válida,²⁵ e redescobre que a nossa tradição fala exatamente do Sistema Preventivo como de um projeto de espiritualidade.²⁶ Percebe que deve caminhar "da fé à fé", de sua espiritualidade comunitária àquela dos jovens.

A resposta aos desafios inicia nos irmãos profundamente animados por uma mística apostólica, voltada a suscitar uma gradual espiritualidade juvenil. Diante da gravidade dos desafios deveríamos assumir a urgência de sermos "homens espirituais" no sentido proclamado pelo apóstolo Paulo. Não desconfiança mas esperança, dizíamos.

Inicialmente pode parecer que sejamos incapazes de alcançar a meta, mas, na realidade, "nós o podemos porque não vivemos segun-

²⁴ ib. 158

²⁵ ib. 89-93

²⁶ ib. 158

do a carne, mas segundo o Espírito. Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o Espírito, as coisas que são do Espírito".²⁷ Seria interessante reler pessoalmente todo o capítulo 8 da carta de S. Paulo aos Romanos.

A espiritualidade de que nos fala o CG23 é uma experiência viva da presença do Espírito Santo, que se tornou mais intensa após o pentecostes do Concílio Vaticano II. Trata-se da descoberta pessoal e comunitária de um Deus presente na história e na vida. Com razão um famoso convertido intitulou um seu livro: "Deus existe, eu o encontrei".²⁸ Cada um de nós deveria poder dizer o mesmo. Num ambiente secularizado onde se fala muito do "desaparecimento de Deus", está crescendo a consciência da necessidade de experimentar sua presença e de proclamá-la na convivência social. Um dos grandes teólogos do nosso tempo, Karl Rahner, acredita que a pessoa "piedosa" do futuro será um "homem espiritual", isto é, alguém que fez experiência pessoal de Deus, ou deixará de ser "piedoso".

O Povo de Deus hoje percebe cada vez mais a urgência daquela espiritualidade que — como afirmou um estudioso — ajuda o homem a tomar consciência das suas responsabilidades, que dão sentido à vida cotidiana, à dimensão social, aos problemas do trabalho, ao mundo técnico e, de maneira geral, à história.

Nós estamos convencidos que a nossa espiritualidade coloca-nos nesta perspectiva; aliás, consideramos esta perspectiva como uma das maiores características que apontam sua originalidade e sua atualidade.

O elemento fundamental de toda verdadeira espiritualidade de futuro é primeiramente a redescoberta do Espírito Santo e a fundamentação da própria vida em sua força de amor unificante. Também o Papa, no seu discurso aos capitulares, afirmou isso: "Espiritualidade significa participação viva no poder do Espírito Santo... Dele procede a força de síntese pessoal entre fé e vida".²⁹

A revelação oferece-nos uma idéia dinâmica do Espírito Santo que penetra pessoalmente na história e que age constantemente durante todo o tempo da Igreja. Para compreender sua missão e sua eficácia, diz S. Gregório Nazianzeno, é preciso saber pensar "à maneira dos pescadores (os Apóstolos), não à maneira de Aristóteles" (sem por isso desprezar os grandes valores científicos). Justamente um estudioso do Cristianismo observou: "Quando falamos de 'espírito', quando afirmamos que Deus é 'espírito', o que queremos dizer? Falamos grego ou hebraico? Se falamos grego, dizemos que Deus é imaterial etc.; se falamos hebraico, dizemos que Deus é um furacão, uma tempestade, um poder irre-

²⁷ Rm 8, 4-7

²⁸ ANDRÉ FROSSARD, *Dieu existe, je L'ai rencontré* — Fayard, Paris, 1969

²⁹ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 334

sistível. Por isso tantas ambigüidades quando se fala de espiritualidade. A espiritualidade consiste em tornar-se imateriais ou em ser animados pelo Espírito Santo".³⁰

A verdadeira espiritualidade traz consigo entusiasmo e coragem, porque é consciente desta constante animação do Espírito.

Sabemos que Ele costuma manifestar o seu poder não "no vento fortíssimo" ou no "terremoto" ou "no fogo", mas paradoxalmente "numa brisa suave", como experimentou o profeta Elias;³¹ mas o dEle permanece sempre como um poder irresistível. O Espírito Santo apresenta-se em lugar do "poder absoluto" como "Amor infinito"; toca eficazmente o coração, reforça "o homem interior"; está presente também quando escondido. O "homem espiritual" é sua obra-prima, fruto da energia do seu dom de caridade.

Esta suave presença é, pois, eficaz com o poder do Amor. E o poder do Amor é força de unidade: uma unidade que não suprime a distinção, mas que exclui a separação; é como um reflexo do mistério de Deus. A unidade que existe na Trindade não precede as Pessoas, mas é dependente da sua distinção: procede do supremo êxtase de amor do mútuo dom total de cada uma das Pessoas; é uma unidade dinâmica, fruto da doação mútua dos Três; ela tem, no Espírito Santo, a explosão unitiva de toda a força do amor divino. Certamente, a Trindade é "mistério", mas se Deus não fosse trino não seria "o Amor"; e nós não saberíamos nada do seu Espírito e não poderíamos compreender jamais a "graça da unidade" que infunde no nosso coração com a caridade pastoral!

De fato o Espírito Santo é também a máxima abertura de Deus fora de si, na história do homem, com o "mistério da união" em Cristo, com a "força da comunhão" na Igreja, com a "graça de unidade" na pessoa, com a "energia de unificação" no devir humano e na criação, pois o seu poder de amor faz progredir o universo em direção à recapitulação de todas as coisas em Cristo.

A espiritualidade tem como base de lançamento o estar em sintonia com o Espírito para deixar-se guiar pela sua força. Com Ele torna-se possível uma síntese real entre fé e vida: a unidade na distinção e a distinção na unidade, ou seja, a organicidade, a coordenação, a complementação, a sublimação. Ela assegura a identidade cristã como expressão de uma personalidade unificada, dotada de criatividade social e apostólica também como compromisso no mundo.

Muito pode-se falar sobre a espiritualidade, mas o primeiro passo a ser cuidado é exatamente esta radicalização no Espírito. Ela ultrapassa as modas e as utopias; sejam os conservadores, sejam os progressistas

³⁰ J. DANIELLOU, citado por CONGAR, *Credo nello Spirito Santo*, I, p. 18, Queriniana, 1981.

³¹ 1Rs 19, 11-14

não costumam discernir a autêntica presença do Espírito Santo: os primeiros porque mais de uma vez Ele não se expressa nas modalidades a eles mais familiares, os outros porque perdem o ritmo quando os acontecimentos não andam de acordo com suas previsões.

Felizmente este tipo de radicalização espiritual já há algum tempo é objeto das nossas preocupações na Congregação. Todo o processo da nova renovação pós-conciliar foi nessa direção; seria suficiente reler aquilo que refletimos muitas vezes sobre a nossa "interioridade apostólica" (comentando o art. 3 das Constituições).

O que se percebe ser mais urgente é a tarefa de intensificar o clima espiritual em cada comunidade, em cada irmão: testemunhar juntos a presença do Espírito Santo através de uma caridade pastoral que seja vivida cotidianamente no "da mihi animas" e através dela possamos repetir com o salmista: "com Deus faremos proezas e Ele aniquilará quem nos oprime"³² e assim afastar todo desânimo e toda atitude de derrota.

No grande rio da espiritualidade "salesiana"

Nós qualificamos o nosso tipo de espiritualidade como espiritualidade "salesiana".

A palavra relaciona-se com S. Francisco de Sales, uma das maiores figuras da espiritualidade cristã. Na origem do uso deste adjetivo encontramos Dom Bosco. Quando ele envolveu o primeiro grupo de jovens para que ficassem com ele para se exercitarem na caridade pastoral própria da sua missão educativa, escolheu para eles o nome de "salesianos".³³ Quis também que a instituição por ele fundada se chamasse oficialmente "Sociedade de S. Francisco de Sales". Queria que os seus olhassem para S. Francisco de Sales como "pastor zeloso e doutor da caridade" — como afirmam as Constituições;³⁴ que especificam também que com isso entendia inspirar-se "na bondade e no zelo" dele,³⁵ privilegiando as atitudes de amabilidade, de alegria, de diálogo, de convivência, de amizade e de paciente constância, seguindo aquele rico "humanismo"³⁶ que caracterizou a vida e a ação do incansável bispo de Genebra.

Pode ser interessante para nós saber que esta atração de Dom Bosco por S. Francisco de Sales vem desde os anos de sua formação e de seu aperfeiçoamento pastoral: "a caridade e a doçura de S. Francisco

³² SI 107, 14

³³ cf. MB 5,9

³⁴ Const. 9

³⁵ ib. 4

³⁶ ib. 17

de Sales — lê-se no quarto propósito da sua primeira missa — guiem-se em tudo”.³⁷ Esta atração nunca esmoreceu durante a sua vida, como demonstra o que fez e mandou fazer em honra do querido Padroeiro.³⁸

Assumindo e também aplicando à espiritualidade dos jovens o qualificativo de “salesiana”, o texto capitular não pretende propô-lo como “o distintivo particular de um grupo: indica, ao invés, a fonte carismática”³⁹ que, através de Dom Bosco, liga-se à vasta corrente espiritual de S. Francisco de Sales, toda voltada para o seguimento de Cristo no atrativo do seu amável coração de Salvador.

Não se trata, portanto, de uma qualificação que faz concorrência, com sinais de amor próprio, quase se tratasse do nome de um time de futebol em competição com outros, mas sim de um título de identificação evangélica, no contexto de uma escolha espiritual experimentada e vasta na Igreja, e particularmente atual pela sua sintonia com as orientações conciliares: é suficiente pensar que a recente Exortação apostólica “Christifideles laici” termina o seu capítulo 4º sobre os múltiplos operários leigos da vinha do Senhor exatamente com a citação de uma bonita página de um livro particularmente significativo de espiritualidade de S. Francisco de Sales.⁴⁰

Considero importante, também para nós, sublinhar este aspecto amplo e eclesial do nome “salesiano”, para devolver um lugar mais próprio e influente a S. Francisco de Sales na nossa espiritualidade; ele, de fato, é o doutor daquela caridade pastoral que é “o centro e a síntese” do nosso espírito apostólico.⁴¹

Em circular de 1921 o P. Álbera, segundo sucessor de Dom Bosco, exortava os irmãos a celebrarem dignamente o terceiro centenário da morte de S. Francisco de Sales (28 de dezembro do ano seguinte, 1922): “nós, que dele devemos não só ter o nome, mas também o espírito — escrevia —, temos o dever de nos antecipar a todos os outros em celebrá-lo dignamente”. Afirmava que tinha sido uma deliberação providencial (“bem e sabiamente coordenada na realização dos planos de Deus”) a escolha para nós do nome “Salesianos”; e acrescentava que “faz aparecer a missão de Dom Bosco em nossos dias como um reflexo, ou melhor, uma continuação daquela iniciada mais de três séculos atrás pelo Salésio. Por isso... o terceiro centenário da morte do nosso Padroeiro deve primeiramente levar-nos a um estudo mais íntimo e profundo da sua vida e dos seus escritos em relação com a nossa Obra, que agora tornou-

³⁷ SAN GIOVANNI BOSCO, *Scritti pedagogici e spirituali*, AA.VV., p. 315 — LAS Roma, 1987

³⁸ cf. Índice analítico das MB

³⁹ *Educar os jovens na fé: Documentos capitulares*, EDB São Paulo, 1990, 158

⁴⁰ cf. *Christifideles laici*, 56

⁴¹ cf. Const. 10

se a 'Obra salesiana' por antonomásia, por isso mesmo destinada a difundir e divulgar, com todos os meios de que dispõe, o seu espírito e a sua doutrina, já perfeitamente assimilados por Dom Bosco e por ele genialmente introduzidos no seu sistema educativo".⁴²

S. Francisco de Sales, juntamente com outros grandes (Sta. Teresa, S. João da Cruz, Sto. Inácio de Loyola etc.), é um dos iniciadores de um movimento espiritual de forte renovação.

Tornou amável a prática do Evangelho no mundo, valorizando todas as condições e os estados de vida; harmonizou a interioridade com a atividade exterior; valorizou o cotidiano; lutou contra o rigorismo que depois caracterizará o jansenismo; insistiu sobre a necessidade de uma concreta espiritualidade para todos. Ele chamou esta renovação espiritual de "devoção", uma palavra que a muitos hoje não agrada porque pode significar uma simples adesão a práticas religiosas sem profundidade de vida; para ele, porém, era a nova espiritualidade, ou seja, um nível de caridade que "nos impulsiona a trabalhar com amor, muitas vezes, e com prontidão"; "é uma espécie de agilidade e vivacidade espiritual": "para alguém ser 'devoto' — escreve —, além da caridade, é preciso ter grande vivacidade e prontidão para realizar as ações", ela "torna a caridade pronta, ativa e diligente".⁴³ E ainda afirma que "a vida 'devota' é doce, fácil e agradável", "é a perfeição da caridade".⁴⁴ A "devoção" adapta-se a todas as vocações e profissões, "não estraga propriamente nada, aliás, aperfeiçoa tudo"; "pretender eliminar a 'vita devota' dos quartéis, das oficinas, dos palácios, dos lares, é um erro, aliás, uma heresia".⁴⁵

O seu livro "Introdução à vida devota" ("Filotéia") lançou uma verdadeira mensagem de espiritualidade para todos, recuperando a importância do laicado e do trabalho humano. Com efeito é um livro que teve sorte: mais de 1.300 edições! Um tesouro que também a mentalidade de atual não considera estranho. "Se existe no mundo — escreve um recente biógrafo do Santo — um livro revolucionário, ei-lo: a introdução de toda a vida humana à 'devoção', à presença de Deus em tudo o que queremos, pensamos, fazemos, amamos, esperamos e produzimos".⁴⁶

Dom Bosco, que escolheu S. Francisco de Sales como Padroeiro e quis seu lema "da mihi animas" como síntese da própria espiritualidade, demonstra — como há pouco lembrei — profunda afinidade e uma verdadeira congenialidade com esta visão, ao ponto de aplicar criativa-

⁴² *Lettere circolari di D. Paolo Albera*, pp. 552-3 — Torino, Dir. Gen., 1965

⁴³ *Oeuvres de Saint François de Sales*. Édition complète, Monastère de la Visitation, Annecy, tome III (1893), *Introduction à la Vie Devote*, Première Partie, ch. I, p. 13-16 passim

⁴⁴ *ib.* ch. II, p. 16-19 passim

⁴⁵ *ib.* ch. III, p. 19-20

⁴⁶ GIORGIO PAPÀSOGLI, *Come piace a Dio*, p. 366 — Città Nuova Ed., 1981

mente suas perspectivas à juventude no seu Sistema Preventivo e no envolvimento de tantas forças naquela que hoje chamamos Família "salesiana".⁴⁷

Mas S. Francisco de Sales, coração missionário, além de perceber a extrema necessidade de lançar uma renovação espiritual para todos, compreendeu que isso exigia uma iluminação doutrinal do amor de caridade, ao menos para os mais comprometidos. Por isso dedicou-se em escrever o seu "Tratado do amor de Deus", pensado e escrito em meio aos seus múltiplos trabalhos pastorais; um livro nascido da reflexão sobre a práxis apostólica e voltado para a ação evangelizadora. Um livro de vida, quase uma sua autobiografia: o esforço de progredir constantemente num projeto de crescimento espiritual, não com um esquema monástico, mas com uma caminhada apostólica. Diríamos hoje, um livro comprometido, como fosse um "vademecum" do discípulo que quer viver no mundo como cristão. A espiritualidade deve permear e identificar-se com a própria vida, a vida cotidiana, a vida com os seus acontecimentos imprevisíveis, com os sofrimentos e as alegrias, com as amizades e as separações, com as dificuldades e as consolações. Nesta ótica aprofunda, em particular, o valor espiritual do "êxtase da ação", despertando em todo cristão a vontade de ser verdadeiro discípulo de Cristo entre as responsabilidades e preocupações da vida: simbiose viva entre práxis e fé.

É famosa aquela sua intuição sintética: "o homem é a perfeição do universo; o espírito é a perfeição do homem; o amor é a perfeição do espírito e a caridade é a perfeição do amor".⁴⁸

É uma espiritualidade apostólica em que se sentiu atraído Dom Bosco. Por isso compreende-se porque o nosso Fundador, já no final de sua vida, tenha encarregado o P. Júlio Barberis, mestre dos noviços, para tornar mais conhecido S. Francisco de Sales escrevendo a vida "adaptada aos seus jovens, em que fosse quase encarnada a vida cristã".⁴⁹

Por sua vez o P. Filipe Rinaldi, quando Reitor-Mor, pediu ao P. Céria para que se dedicasse em aprofundar e divulgar melhor na Congregação as obras de S. Francisco de Sales e a sua doutrina.

João Paulo II afirmou que Dom Bosco é um "gênio do coração"; portanto, em S. Francisco de Sales o coração encontra não só um dos mais simpáticos intérpretes das riquezas humanas aperfeiçoadas pela caridade, mas também o profundo pensador contemplativo de suas batidas até às máximas alturas do êxtase do dom de si na atividade apostólica.

⁴⁷ cf. J. PICCA e J. STRUS, **San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco**, LAS, Roma, 1986

⁴⁸ Oeuvres..., o.c., tome V (1894), **Traité de l'Amour de Dieu**, vol. II, Livre X, ch. I, p. 165

⁴⁹ G. BARBERIS, **Vita di S. Francesco di Sales: libri quattro proposti alla gioventù**, I, 5 — Torino, Libreria Salesiana, 1902

Muitos da Igreja sentem-se atraídos por este tipo de espiritualidade do bispo de Genebra. O Papa João XXIII, por exemplo, chamava-o "o meu S. Francisco de Sales"; e no longínquo 1903, a 29 de janeiro, escrevia dele no seu "Diário da Alma": "Que linda figura de homem, de sacerdote, de bispo! Se eu conseguir chegar a ser como ele, não me importaria também se me elegessem papa".⁵⁰

Portanto, quando falamos de espiritualidade "salesiana" percebemos que estamos caminhando junto com Dom Bosco, numa corrente espiritual, bem ampla, na qual S. Francisco de Sales imprimiu, de maneira dinâmica e encarnada, o sigilo supremo do amor peculiar da caridade apostólica.

Um nome, portanto, que visa relançar entre os jovens o gosto de Deus, a festa da vida, o compromisso pela história, a responsabilidade ecológica e uma generosa co-responsabilidade eclesial.

No seguimento de Dom Bosco

Nós somos chamados "*Salesianos de Dom Bosco*".

A nossa espiritualidade "salesiana" foi-nos deixada em herança pelo Fundador; está em relação, afirma o texto capitular, com a 'experiência espiritual vivida no seguimento de Dom Bosco';⁵¹ está em sintonia com o humanismo devoto de S. Francisco de Sales "*retraduzido por Dom Bosco na experiência do Oratório*".⁵²

Devemo-nos perguntar em que consiste esta "retradução". A resposta levar-nos-ia longe; mas o caminho substancial a ser seguido parece-me felizmente traçado nas palavras do P. Filipe Rinaldi: "S. Francisco de Sales é mestre de uma doutrina espiritual que vive e palpita nas suas obras (escritos) imortais; Dom Bosco, no entanto, imprimiu a espiritualidade desse Santo não no papel mas na sociedade por ele criada... A doutrina já existia; Deus chamava Dom Bosco a realizá-la e a vitalizá-la na Família por ele fundada para a salvação da juventude".⁵³

A nossa espiritualidade salesiana, portanto, é profundamente enriquecida e orientada pela doutrina de S. Francisco de Sales, mas possui características próprias com uma forte dimensão pedagógica, juvenil e popular, assinalada pelo próprio Dom Bosco; elas especificam de maneira original os traços de seu rosto.

A herança de um Fundador não é estática, mas é "transmitida aos seus discípulos para ser por eles vivida, conservada, aprofundada e cons-

⁵⁰ GIOVANNI XXIII, *Il Giornale dell'Anima*, p. 201 — Ed. Paoline, 1989

⁵¹ *Educar os jovens na fé: Documentos capitulares*, EDB São Paulo, 1990, 92

⁵² *ib.* 158

⁵³ *Bollettino Salesiano*, agosto, 1967, 1

tantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em peregrino crescimento".⁵⁴

Lembrou-nos isso explicitamente o Papa, falando da práxis educativa do nosso Pai: "a sua mensagem pedagógica requer ser ainda aprofundada, adaptada, renovada com inteligência e coragem, exatamente por causa dos renovados contextos sócio-culturais, eclesiais e pastorais".⁵⁵

A nossa espiritualidade e a espiritualidade dos jovens são, em certo sentido, distintas, mas estrita e mutuamente unidas ao ponto que não podem ser separadas. Lembremos, por exemplo, como os Salesianos rezavam junto com os jovens e que o "Jovem Instruído" era praticamente o livro comum de oração.⁵⁶ Com razão falou-se que o comentário de Alberto Caviglia da "Vida de Domingos Sávio" — escrita por Dom Bosco —, enquanto aprofunda a espiritualidade juvenil, é um válido estudo da mesma espiritualidade do nosso Fundador.

As Constituições, por outro lado, asseguram-nos que a espiritualidade com que vivemos e testemunhamos o nosso projeto de vida salesiano "é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens".⁵⁷

Qual é, pois, o tipo de espiritualidade que nos distingue?

Sabemos que a radicação no Espírito Santo é única, mas multiforme. Ele dá vida a uma multiplicidade maravilhosa de atitudes espirituais com uma fecundidade inesgotável e com uma criatividade contínua.

Sem penetrar nos delicados e complexos problemas, interessa-nos ver algumas características da espiritualidade própria de Dom Bosco, para termos como que uma fotografia da nossa fisionomia espiritual, porque nela devemos concentrar os nossos esforços de renovação. O próprio Espírito ajudou-nos a tirar esta foto nos Capítulos Gerais do pós-Concílio, assim que pudemos apresentar à Igreja a nossa "carteira de identidade" com o texto renovado das Constituições.

O documento do CG23 oferece-nos a oportunidade de sublinhar, nesta pesquisa, uma interessante novidade de perspectiva: a de repensar os elementos específicos da nossa espiritualidade⁵⁸ a partir da ótica da espiritualidade juvenil experimentada nestes anos.⁵⁹

A dos jovens é uma espiritualidade inicial; obedece à lei da gradualidade sujeita à progressão do tempo e aos altos e baixos da instabilidade juvenil. Deve adaptar-se a ajudar os jovens partindo da situação e da realidade em que se encontram.

⁵⁴ *Mutuae relationes* 11

⁵⁵ *Juvenum Patris* 13

⁵⁶ O manual com o título *Práticas de piedade em uso nas casas salesianas* foi mandado imprimir por D. Albera só em 1916

⁵⁷ Const. 25

⁵⁸ cf. Const. 1-3 e 10-21

⁵⁹ cf. *Educar os jovens na fé: Documentos capitulares*, EDB São Paulo, 1990, 158-180

Dom Bosco, desde os primeiros anos de seu sacerdócio, intuiu a possibilidade de acompanhar os jovens rumo à plenitude da vida cristã, proporcionada com a idade deles, com um tipo de espiritualidade juvenil organizada ao redor de algumas idéias-forças abertas à fé, próprias do seu tempo, mas também proféticas e aplicadas com ardor e genialidade pedagógica. O CG23 relê estas idéias e convida-nos a organizar a vida dos jovens ao redor delas e a insistir com a escolha de valores e atitudes evangélicas.⁶⁰

O texto capitular chama-as “núcleos fundamentais” e, sem ser exclusivo, propõe os seguintes:

- *uma base realista e prática que olha o “cotidiano”* (Dom Bosco falava do “sentido religioso do dever” nos vários momentos do dia);
- *uma atitude de esperança, permeada de “alegria”,* relacionada com os valores do crescimento juvenil (o próprio Dom Bosco escrevia no “Jovem Instruído”: “Eu quero ensinar-vos um método cristão que seja ao mesmo tempo alegre e jovial: sirvamos o Senhor na santa alegria”);
- *uma amizade forte e pessoal com Cristo,* conhecido e encontrado na oração, na Eucaristia e no Evangelho (Dom Bosco considerava a pedagogia eucarística como ponto culminante da sua práxis educativa);
- *um compromisso mais responsável e corajoso de pertença à Igreja,* seja particular seja universal⁶¹ (Dom Bosco infundia nos jovens um grande amor à Igreja, ao Papa e aos Bispos);
- *um “serviço” concreto e operoso de bem* de acordo com as próprias responsabilidades sociais e as necessidades materiais e espirituais dos outros⁶² (Dom Bosco cuidava concretamente o envolvimento dos jovens melhores na atividade apostólica);
- e, como clima familiar de crescimento, *uma dimensão mariana* que confia com simplicidade e confiança no maternal Auxílio de Nossa Senhora⁶³ (Dom Bosco entendia a devoção a Maria como a coluna para o crescimento da fé nos jovens).

Estas idéias ou núcleos fundamentais, unidos à consideração das *quatro áreas do itinerário de fé* apresentadas no texto (Homem, Cristo, Igreja, Reino⁶⁴), convidam-nos a repensar o Sistema Preventivo como expressão viva e práxis pedagógica da nossa específica espiritualidade, ou seja, “como um modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho”.⁶⁵ Nesta perspectiva do itinerário de fé dos jovens podemos revi-

⁶⁰ cf. ib. 158

⁶¹ ib. 171-172

⁶² cf. ib. 161

⁶³ ib. 157, 177

⁶⁴ cf. ib. 120-156

⁶⁵ Const. 20; cf. **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 326 e 350

sar os principais elementos característicos do nosso rosto espiritual de Salesianos de Dom Bosco.

Basta apenas indicá-los, porque cada um deles já foi considerado e desenvolvido nestes anos de pós-Concílio; também se é desejável um estudo global a esse respeito, mais profundo e orgânico.

Lembrá-los, partindo da ótica da educação dos jovens na fé, poderá contribuir para tornar mais concreta a programação da formação permanente, tão desejada pelo Capítulo.

Eis os principais:

— *Inicialmente a interioridade apostólica:*⁶⁶ é o nosso dinamismo espiritual fundamental; ela, com a graça de unidade própria da caridade pastoral, insere-nos na espiritualidade da vida ativa, unindo em seu interior "consagração" e "missão" numa síntese de vida tipicamente apostólica: "um amor que se doa gratuitamente — afirmam as Constituições —, nutrindo-se da caridade de Deus que se antecipa a toda criatura com a sua Providência, segue-a com a sua presença e salva-a com a doação da própria vida".⁶⁷ Esta peculiar e fundamental "interioridade apostólica" comporta para nós que "a renovação espiritual e pastoral são dois aspectos que se compenetraram e são interdependentes".⁶⁸

Existe, para nós, entre estes dois aspectos, mútua imanência e uma verdadeira reciprocidade: possuem porém sua fonte original na vida pessoal de união com Deus.

— *Depois, o testemunho da centralidade de Cristo-Bom Pastor:*⁶⁹ é Ele o centro vivo e existencial da nossa vida consagrada (prática dos conselhos evangélicos). Todos consagrados estão alicerçados sobre Cristo, mas o nosso específico testemunho caracteriza-se pelo aspecto pedagógico-pastoral com o qual olhamos para Cristo como "Bom Pastor", que criou o homem e ama suas qualidades, que o resgatou e perdoa os seus pecados, e que o transforma em nova criatura através do seu Espírito. Esta centralidade de Cristo-Pastor deve brilhar como sol nos nossos ambientes através de um renovado impulso eucarístico e com tantas iniciativas, que expressem um modo cotidiano de viver e de educar que "impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar".⁷⁰ O aspecto de Cristo "Bom-Pastor" comporta certamente a generosidade da dedicação aos jovens até à cruz, mas evidencia também "a atitude que conquista com a mansidão e o dom de si",⁷¹ com a bondade,

⁶⁶ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 221

⁶⁷ Const. 20

⁶⁸ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 217

⁶⁹ *ib.* 103, 112, 113, 118, 130, 131, 132, e passim

⁷⁰ Const. 20

⁷¹ *ib.* 11

a amabilidade e a amizade, desenvolvendo toda aquela ascese espiritual do "fazer-se amar", própria do coração oratoriano.⁷²

O texto capitular insiste sobre a eliminação das distâncias entre nós e os jovens: "tornar-nos próximos, aproximar-nos deles é, pois, para nós, o primeiro passo",⁷³ saber valorizar "o patrimônio que cada jovem tem em si",⁷⁴ oferecer-lhe "um ambiente cheio de vida e rico de propostas".⁷⁵

Este é o primeiro passo para caminharmos juntos pela estrada que se chama "presença": um valor a ser recuperado! Não qualquer presença, mas uma presença "pastoral", ou se quereis "ministerial" ou também "sacramental", porque deve levar a Cristo; atenta, sim, aos sentimentos e às aspirações dos jovens, mas carregada, em si mesma, de claras mensagens evangélicas e de um claro amor de caridade.

— Ainda, o compromisso educativo como "missão":⁷⁶ o nosso seguimento de Cristo está marcado "por um dom especial de Deus, a predileção pelos jovens... Pelo bem deles oferecemos generosamente tempo, dotes pessoais e saúde".⁷⁷ A nossa missão na Igreja especifica-se na práxis educativa: "Dom Bosco nos ensinou a reconhecer a presença de Deus no nosso trabalho educativo, a experimentá-la como vida e amor".⁷⁸

Sabemos que a missão "dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas".⁷⁹

Assim, para nossa espiritualidade o momento educativo torna-se "o lugar privilegiado do nosso encontro com Deus".⁸⁰

Sendo "educativa", esta espiritualidade estará sempre atenta ao contexto do mundo e aos desafios da juventude: exigirá flexibilidade, criatividade e equilíbrio,⁸¹ e buscará com seriedade as competências pedagógicas apropriadas: É a mesma consagração salesiana que, em seu "respiro pelas almas", assume os valores pedagógicos e vive-os como expressão concreta de espiritualidade.

No contexto da missão, considero estimulador sublinhar também a influência exercida sobre a nossa espiritualidade, com instâncias concretas, pela presença entre os destinatários preferenciais deixados por

⁷² cf. ACG n. 326, julho-setembro 1988, "Studia di farti amare"

⁷³ Educar os jovens na fé: Documentos capitulares, EDB São Paulo, 1990, 97

⁷⁴ ib. 99

⁷⁵ ib. 100

⁷⁶ ib. 94, 95, 102, 104, 106, 108, etc

⁷⁷ Const. 14

⁷⁸ Educar os jovens na fé: Documentos capitulares, EDB São Paulo, 1990, 94

⁷⁹ Const. 3

⁸⁰ Educar os jovens na fé: Documentos capitulares, EDB São Paulo, 1990, 95

⁸¹ cf. Const. 19

Dom Bosco: os jovens pobres e necessitados das classes populares! A original ascese do "fazer-se amar" é uma resposta evangélica a tantas carências destes jovens; ela lembra-nos, ainda, que o contato com as pobrezas juvenis não suscitou em Dom Bosco nenhum elemento de reação ideológica, mas sim uma intensificação pedagógica da caridade pastoral para despertar nele e nos seus o amor paterno e materno da missão educativa.

— *Interesse pela realidade eclesial*:⁸² a presença de um autêntico sentido de Igreja seja na vida da comunidade, seja nas atividades educativo-pastorais. A vida e a obra salesiana é uma concreta experiência de Igreja: consideramo-nos situados "no coração da Igreja",⁸³ "sentimo-nos parte viva da Igreja e cultivamos em nós e nas nossas comunidades uma renovada consciência eclesial. Expressamo-la na fidelidade ao sucessor de Pedro e ao seu magistério, e na vontade de viver em comunhão e colaboração com os bispos, o clero, os religiosos e os leigos".⁸⁴

A terceira "área do itinerário de fé" proposta pelo texto capitular trata exatamente da práxis e das atitudes a serem privilegiadas "em direção de uma intensa pertença eclesial"; e o quarto "núcleo fundamental" da espiritualidade juvenil insiste sobre a formação da comunhão eclesial, nas suas expressões concretas de estruturas locais e de instituição universal com um "amor explícito ao Papa e a adesão convicta ao seu magistério".⁸⁵ Esse interesse pela comunhão eclesial vitaliza também todo o campo da atividade vocacional.

Uma espiritualidade, portanto, que nos faz sentir e nos torna objetivamente, também na opinião dos outros fiéis, um verdadeiro "dom" do Espírito à Igreja para intensificar a comunhão e a colaboração na sua missão: "as necessidades dos jovens e dos ambientes populares, a vontade de agir com a Igreja e em seu nome movem e orientam nossa ação pastoral para o advento de um mundo mais justo e mais fraterno em Cristo".⁸⁶

— Um outro elemento específico é a *alegria da operosidade*:⁸⁷ é um aspecto inerente a todo estilo oratoriano e à psicologia voltada para o futuro, própria do coração adolescente. Nascemos na "Colina das Bem-aventuranças juvenis" e espelhamos suas riquezas evangélicas pelo mundo. Vivemos uma espiritualidade de alegria, de família, partilhada em clima de confiança mútua e perdão quotidiano,⁸⁸ toda permeada de esperança que "difunde alegria e sabe educar à felicidade da vida

⁸² **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 140ss, 169ss, 222, 226

⁸³ Const. 6

⁸⁴ ib. 13

⁸⁵ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 172

⁸⁶ Const. 7

⁸⁷ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 152, 165s

⁸⁸ Const. 16

cristã e ao sentido da festa",⁸⁹ porque praticamos uma pedagogia que "acredita nos recursos naturais e sobrenaturais do homem, embora não lhe ignore a fraqueza".⁹⁰ Este clima de alegria e de otimismo não é ingenuidade ou superficialidade, mas fruto de verdadeira esperança teológica e de meditada sintonia pedagógica com tantos valores positivos colocados pelo Criador no coração dos jovens:

E porque fruto da esperança, é uma alegria vivida numa intensa operosidade feita de "trabalho e temperança", ou seja, de um compromisso também ascético que acompanha constantemente o desenrolar-se da missão.⁹¹

— Finalmente, *a dimensão mariana*:⁹² a nossa missão educativa é participação na maternidade eclesial de Maria. É uma dimensão que merece um comentário especial; será feito um pouco mais adiante.

Aqui só acrescentamos que a espiritualidade salesiana de Dom Bosco, vista na dimensão do itinerário da fé para os jovens de hoje, torna-se para nós a alma da nova evangelização: "nova — como disse o Papa — no seu ardor, no seu método, nas suas expressões", ou seja, animada de entusiasmo e apropriada aos tempos que comportam uma vasta e delicada mudança de mentalidade.⁹³ Disso teve clara consciência o CG23; afirma, de fato, que "é novo o contexto, novos também os objetivos gerais visados pela evangelização: trata-se de renovar o tecido humano da sociedade, aceitando renovar, em primeiro lugar, o espírito evangélico nas comunidades eclesiais".⁹⁴

Temos, portanto, uma espiritualidade salesiana bem específica, com aspectos bem concretos sobre os quais concentrar a programação da formação permanente nas Inspetorias e nas Casas, propondo-nos também a perscrutar mais profundamente o coração de Dom Bosco.

Formemos comunidades evangelizadoras

Dizia-vos na "Apresentação" dos Atos do CG23 que o sujeito primeiro de todo o discurso capitular, a linha principal que une as várias partes do texto, é a nossa comunidade de consagrados: ela é o principal destinatário do documento; a ela compete a responsabilidade e o compromisso da realização do itinerário de fé para os jovens: Cada comunidade deverá, portanto, preocupar-se com a espiritualidade salesiana

⁸⁹ ib. 17

⁹⁰ ib. 17

⁹¹ cf. ib. 18

⁹² **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 157 e 177

⁹³ cf. **ACG** n. 331, outubro-dezembro 1989

⁹⁴ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 4

na em seus dois níveis: a que deve crescer entre os jovens, e a que deve ser testemunha através da vida cotidiana.

São propostos a todos nós, para serem cuidados, três aspectos complementares: a comunidade como "sinal de fé",⁹⁵ como "escola de fé"⁹⁶ e como "centro de comunhão e participação".⁹⁷

Os primeiros animadores da comunidade, o Inspetor e o Diretor, deverão saber dirigir a programação pós-conciliar para este objetivo: "a formação permanente, que habilita o salesiano em sua missão de educador e pastor, deve tornar-se uma constante interrogável da sua vida".⁹⁸ Devemos ter consciência da urgência em suscitar no ambiente uma espiritualidade juvenil salesiana e, por conseguinte, colocar a comunidade em estado de fecundidade espiritual, levando-a "a examinar-se e a renovar-se — como afirma o texto — à luz do Evangelho e da nossa Regra de vida":⁹⁹ ou seja, progredir seriamente no processo de renovação já iniciado há vários anos. Será depois necessário que a comunidade inspetorial e aquela local assumam seriamente sua tarefa, programem, re-estudem com constância o que foi estabelecido nas deliberações capitulares.

Vejamos os três aspectos indicados pelo texto.

— *A comunidade como "sinal de fé"* exige um sério repensamento da autenticidade do próprio testemunho evangélico. A condição fundamental está nisso: trabalhar e viver juntos como grupo de "fiéis" com estilo salesiano, que proclamam existencialmente o mistério de Cristo Bom Pastor vivendo a Regra de Dom Bosco. A própria comunidade torna-se "sinal de fé" quando seus membros manifestam com alegria e constância na vida cotidiana os valores da espiritualidade salesiana, toda voltada para os jovens.

O texto insiste especialmente sobre o cuidado da "interioridade apostólica".¹⁰⁰ Já consideramos, mais de uma vez, os válidos elementos que a compõem. Ultimamente o P. Rinaldi apresentou-se a nós como o "autorizado intérprete da nossa interioridade apostólica"; será conveniente reler sua mensagem. Encontraremos que a espiritualidade salesiana tem como fonte e valor supremo a união com Deus; "o compromisso apostólico, dinâmico e criativo nasce constantemente do ardor da caridade para com Deus: dele procede a famosa 'graça da unidade' da nossa caridade pastoral!".¹⁰¹

Lembremos os três elementos por ele indicados: "o anseio pelas

⁹⁵ ib. 216

⁹⁶ ib. 217

⁹⁷ ib. 218

⁹⁸ ib. 220

⁹⁹ ib. 215

¹⁰⁰ ib. 221

¹⁰¹ **ACG** n. 332, janeiro-março 1990, p. 37ss

almas (o bonito comentário ao da 'mihi animas'), o trabalho apostólico incansável e a fidelidade cotidiana à oração".¹⁰² São elementos que deverão entrar nos conteúdos dos programas de formação permanente como resposta aos desafios, se quisermos ser "sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres".¹⁰³ Seremos assim homens e comunidades "espirituais", capazes de suscitar e animar com atualidade uma concreta espiritualidade juvenil salesiana.

— *A comunidade como "escola de fé"* é aquela que "faz da missão sua razão de ser e de agir".¹⁰⁴ Aqui entra em jogo a dimensão pedagógica da atividade comunitária. Para sermos válidos educadores é preciso incluir na interioridade evangélica um maior conhecimento e presença do mundo dos jovens; é este um aspecto que caracteriza cada uma das nossas atividades, que deve ser simultaneamente espiritual, pastoral e pedagógica.

"Trata-se de realizar uma verdadeira mudança de qualidade, uma volta aos jovens com renovada sensibilidade pastoral e com uma maior e evidente competência educativa."¹⁰⁵ Para individualizar e guiar com eficácia seus esforços neste sentido, a comunidade deverá elaborar, aplicar e atualizar atentamente o seu "Projeto educativo-pastoral", considerando o itinerário de fé proposto pelo CG23 e traduzindo-o em modalidades concretas, adequadas ao tipo de juventude e ao contexto da obra.

Hoje, para ser "escola de fé", é indispensável unir o "ser sinais" com o "ser amigos", ter fogo no coração e sacrificar-se com uma entrega total, exercitar-se simultaneamente na união com Deus e no cultivo da experiência direta com o mundo dos jovens, com a "escuta de suas exigências e aspirações, aquisição de sua cultura e linguagem, e disponibilidade para partilhar experiências e projetos concebidos não só para eles, mas também e sobretudo por eles".¹⁰⁶ Não se trata de enfraquecer o "sinal", mas de torná-lo pedagogicamente significativo. Se não existir um significado pastoral e pedagógico no ambiente e na Igreja, a nossa presença não poderá ser considerada "escola de fé".

Mas é também indispensável, para ser verdadeiramente tal, que a comunidade seja experiência viva de Igreja, e, concretamente, da Igreja local (paróquia, diocese, conferência episcopal); portanto "deve inserir-se com clareza nos projetos e propostas de pastoral juvenil na Igreja local. Dela deve aprender a receber estímulos, mas também a comunicar experiências".¹⁰⁷

¹⁰² ib. p. 38ss

¹⁰³ Const. 2

¹⁰⁴ **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 217

¹⁰⁵ ib. 225

¹⁰⁶ ib. 225

¹⁰⁷ ib. 226

Por isso as deliberações capitulares lembram várias responsabilidades, seja para a Comunidade inspetorial, seja para aquela local. Somente em uma comunidade de “escola de fé” poderá florescer uma educação que seja “pedagogia de santidade”.

— *Uma comunidade como “centro de comunhão e participação”* refere-se tanto à mais ampla comunidade educativa, quanto aos vários Grupos da Família salesiana.

“A comunidade — afirma o texto — em força de sua vida consagrada, torna-se centro de comunhão e participação, capaz de reunir e estimular os que o Espírito chama para trabalhar pelos jovens”.¹⁰⁸

Eis uma perspectiva lançada pelos Capítulos Gerais anteriores que tem urgente necessidade de ser realizada com uma vontade mais solidária, com maior eficácia e dedicação. As deliberações capitulares são claras e normativas. Não praticá-las seria sinal de incapacidade, ou de desinteresse, ou de comodismo, ou seja, definitivamente, de falta de espiritualidade salesiana. Seria triste ver o fim de algumas de nossas presenças por falta de ardor no coração dos irmãos. O “homem espiritual” é possível em todas as idades e em todas as condições de vida; o “coração oratoriano” é condição salesiana desde a primeira profissão até o último respiro.

O ponto forte deste terceiro compromisso comunitário é, de acordo com o texto capitular, o de *envolver os leigos*. A palavra “leigos” é ampla e não se aplica da mesma maneira a todos. Na nossa experiência distinguimos diferentes grupos: aquele dos “Cooperadores” (para viver em plenitude a vocação cristã), aquele dos “Ex-alunos” (mais ligado ao aspecto cultural-educativo), aquele dos “Colaboradores” (que inclui também pessoas dos grupos anteriores mas que pode ser mais amplo), aquele dos “Membros da comunidade educativa” (entre os quais sobretudo os pais dos jovens nossos destinatários, além de todos aqueles que se dedicam conosco no nosso trabalho).

O envolvimento e a valorização dos leigos exige dos irmãos a capacidade de estabelecer com eles relações de co-responsabilidade amadurecida, de acordo com a natureza dos grupos. Não é algo fácil; exige uma profunda mudança de mentalidade e uma adequada modalidade de trato e de relacionamento. Mas, sobretudo, exige saber tomar com eles “um caminho de formação. As experiências feitas até agora garantem, mesmo com algumas dificuldades, resultados satisfatórios”.¹⁰⁹

Eis então um campo bem concreto de novidade, de compromisso para a espiritualidade salesiana, tão aberta e em consonância com todas as condições laicas. Portanto entre as prioridades a serem programadas deve haver a da formação dos leigos!

¹⁰⁸ ib. 218

¹⁰⁹ ib. 233

O Capítulo lembra mais adiante também a importância da organização do trabalho, a urgência do compromisso vocacional, os apelos da comunicação social, e apresenta ainda algumas orientações de trabalho em situações particulares. São todas indicações bem concretas para que a comunidade se torne protagonista de uma nova evangelização entre os jovens. O grande segredo para movimentar tudo isso é sempre a espiritualidade salesiana, testemunhada pela comunidade como “sinal de fé”, como “escola de fé” e como “centro de comunhão e participação”.

Queridos Inspetores, queridos diretores e irmãos todos, animemo-nos de boa vontade para realizar logo, algo mais.

Sob a orientação da Auxiliadora, Estrela da nova Evangelização

Antes de concluir parece-me útil, e para nós é particularmente querido, acrescentar ainda uma reflexão: sobre a dimensão mariana da nossa espiritualidade. Dela, como dizia, fala em várias partes o texto capitular.

A espiritualidade salesiana é fortemente mariana; como por outro lado o é toda a espiritualidade.

O Papa auspiciou que a Auxiliadora seja para a nossa Família “a Estrela da nova evangelização”.¹¹⁰ Olharemos, pois, para essa Estrela e deixemo-nos conduzir por Ela como nossa “Mestra Guia”.

Vimos que o elemento fundamental e vitalizante de toda espiritualidade é a radicalização no Espírito Santo.

Portanto, Maria, depois de Jesus, é a expressão mais alta daquilo que o Espírito Santo realiza na história da salvação: Ela é a obra-prima do Espírito Santo. Quanto mais olharmos para Maria, tanto mais poderemos compreender e tanto melhor poderemos participar da presença vivificante do Espírito Santo.

A partir do Vaticano II procurou-se aprofundar cada vez mais a relação “Espírito Santo-Maria”. O Papa Paulo VI na “*Marialis cultus*” sublinhou a fecundidade desta ótica: “dessa investigação — afirma — aparecerá, em particular, a arcana relação entre o Espírito de Deus e a Virgem de Nazaré e a sua ação na Igreja”.¹¹¹

É fácil observar que toda a vida de Maria está “marcada” pelo poder do Espírito Santo ao ponto que é considerada seu “Ícone”, ou como afirma a “*Lumen gentium*” (no texto latino) “*Sacrário*” do Espírito Santo,¹¹² ou seja, a parte central, secreta e reservada, do templo; a partir daí é portadora para todos do Espírito Santo. Indicam propriamente is-

¹¹⁰ ib. 335

¹¹¹ *Marialis cultus* 27

¹¹² *Lumen gentium* 53

so também os títulos que o Concílio lhe reconhece de “Advogada, Auxiliadora, Protetora e Medianeira”¹¹³ que proclamam nEla uma interessante e especial sintonia com a obra vivificante do “outro Paráclito”, Maria é obra-prima, imagem e portadora do Espírito Santo porque por Ela plenamente “plasmada e formada nova criatura”:¹¹⁴

- na Conceição é “imaculada”: o início da nova criação cheia de graça;
- na Anunciação é “Virgem-Mãe”: a Arca da nova Aliança;
- no Natal é a “Realização da Promessa”: a Mãe do Cristo-Messias;
- na Visita a Isabel é “Sabedoria profética”: a Fiel que lê o livro da história;
- no Calvário é “Mãe dos homens”: a nova Eva da humanidade redimida;
- em Pentecostes é “Rainha dos Apóstolos”: a grande Orante a favor da Igreja;
- na Assunção é “a Auxiliadora de todos”: a Intercessora escatológica de salvação.

Tanta grandeza e beleza é nEla obra do Espírito Santo; situada no cruzamento dos dois Testamentos, Ela é a “Filha de Sião”, o “Ícone do Mistério” e o Modelo da Igreja, totalmente unida ao Espírito ao ponto de permanecer associada às Suas iniciativas de salvação, implorando para todos a Sua presença e acompanhando maternalmente os dons (pensemos na História do nosso carisma); por isso brilha constantemente nos séculos como Estrela da evangelização.¹¹⁵

Nela encontramos o protótipo de toda espiritualidade; de fato — afirma o Concílio — Maria, “abraçando a vontade salvífica de Deus com coração pleno, não retida por nenhum pecado, consagrou-se totalmente como serva do Senhor à pessoa e à obra de seu Filho, servindo sob Ele e com Ele, por graça de Deus onipotente, ao mistério da redenção”.¹¹⁶

Esta sua peculiar espiritualidade podemos colhê-la no canto profético do “Magnificat”,¹¹⁷ em que Maria proclama-se cheia de alegria, acima das suas fraquezas, consciente da misericordiosa força de Deus, que nos quer bem e olha para nós para realizar grandes coisas, dando assim continuamente prova de seu poder, porque derruba as dificuldades e responde aos desafios; Ele é sempre fiel a seu Povo e, segundo a promessa, leva-o afinal até à vitória.

O *Magnificat* é na verdade o hino da espiritualidade cristã para toda nova evangelização, expressão de entusiasmo porque olhar penetrante de fé, propósito seguro de esperança, hino imortal de amor salvífico.

¹¹³ ib. 63

¹¹⁴ ib. 56

¹¹⁵ cf. *Evangelii nuntiandi* 82

¹¹⁶ *Lumen gentium* 56

¹¹⁷ cf. Lc 1, 46-55

Augúrio final

Permiti-me, queridos irmãos, transcrever aqui, como conclusão, o que sugeri aos capitulares no encerramento do CG23: "A nossa Congregação entregou-se solenemente a Maria a 14 de janeiro de 1984, no início do CG22. Dizem-nos as Constituições que essa entrega nos ajuda a 'nos tornarmos entre os jovens testemunhas do amor exaurível do seu Filho'.¹¹⁸

Confiemos a Ela o propósito de prosseguir no caminho da fé, intensificando o cultivo e o aprofundamento da espiritualidade salesiana. Pedimos a Ela que nos ajude a partilhar com os jovens aquele magnífico 'patrimônio espiritual' próprio da órbita do humanismo cristão de S. Francisco de Sales e empregado magistralmente por Dom Bosco em favor da juventude pobre. Maria mesmo guiou o nosso Fundador nesta experiência educativa e ensinou-lhe a levar os jovens à santidade. Como resposta materna à nossa entrega, esperamos da intercessão de Maria o dom da plenitude do Espírito Santo que nos garanta um coração verdadeiramente oratoriano para sermos no mundo eficientes educadores dos jovens na fé".¹¹⁹

Alicerçados no poder do Espírito, superando toda diferença que possa nascer das dificuldades presentes ou das nossas limitações, vivamos com alegria a espiritualidade salesiana visando a nova evangelização, proclamando com os fatos ao mundo as razões da nossa esperança.¹²⁰

A todos desejo um sincero empenho, pessoal e comunitário, na aplicação do CG23: será a nossa melhor preparação para a chegada do terceiro milênio.

Com afeto em Dom Bosco,

¹¹⁸ Const. 8

¹¹⁹ cf. **Educar os jovens na fé: Documentos capitulares**, EDB São Paulo, 1990, 357

¹²⁰ cf. 1Pd3,15

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Encerrado o Capítulo Geral, o Reitor-Mor dedicou o mês de maio a presidir a sessão plenária do novo Conselho Geral. Houve uma pausa (12 e 14 de maio) para alguns significativos encontros em Gênova e Alásio. A sessão plenária encerrou-se com uma romaria (23-25 de maio) que o levou juntamente com os Conselheiros ao Colle Don Bosco, Valdocco e Mornese.

De 5 a 7 de junho participou no Vaticano, com o convite do S. Padre, da reunião com os presidentes das Conferências Episcopais da Europa para preparar o Sínodo europeu de 1991.

No dia 10 do mesmo mês estava entre as VDB, reunidas em Roma.

A 24 de julho viajava para Turim, de onde continuou a viagem até Thonon, na Sabóia. Lá realizou-se uma solene "Jornada da Família Salesiana" da França — Sul por ocasião do assim chamado "batismo" da Inspeção de Lyon, que aceitou como próprio padroeiro a "São Francisco de Sales".

No dia 15 de agosto em Castelgandolfo, encontrou-se com o Santo Padre. Em várias oportunidades participou das reuniões de irmãos, em diferentes Inspetorias, para apresentar os Atos do CG23.

De 1 a 3 de setembro ausentou-se novamente da Casa Geral para estar em Turim e em Lu Monferrato. Na terra do P. Rinaldi participou, no dia 2, das comemorações e das festas solenes em honra do novo bem-aventurado, enquanto em Turim teve alguns encontros com grupos de irmãos.

No dia 8 de setembro na basílica do Sagrado Coração em Roma recebeu a primeira profissão de 13 irmãos, que terminavam seu noviciado em Lanúvio.

4.2. Crônica do Conselho Geral

O novo Conselho Geral, eleito no Capítulo Geral 23º nos dias 7-11 de abril de 1990, iniciou logo em seguida o seu trabalho a serviço da Congregação. Já durante o Capítulo em duas reuniões, além de tratar algumas questões relacionadas com as Inspetorias, elaborou um programa geral para

uma primeira sessão "plenária", que era urgente convocar.

De fato, logo após a conclusão do Capítulo (5 de maio), o Conselho Geral reuniu-se por uma intensa sessão que, iniciada no dia 8 de maio, concluiu-se com a festa de Maria Auxiliadora.

Na pauta dos trabalhos das diferentes reuniões (foram 15) havia primeiramente numerosos assuntos relacionados com a animação e o governo normal das Inspetorias, bem como o exame de pedidos e problemas de irmãos.

Mas o trabalho que mais ocupou o Conselho nesse período foi o discernimento para a nomeação de um bom número de Inspetores, que era urgente escolher tendo chegado ao fim o mandato do Superior de várias Inspetorias. Como sempre o processo de discernimento foi feito a partir do exame das consultas inspetoriais, juntamente com o exame das necessidades e das expectativas de cada uma das Inspetorias, para se chegar a indicar a pessoa considerada idônea para desenvolver o serviço da autoridade. Assim o Conselho Geral deu o seu parecer para a nomeação dos seguintes Inspetores: Jean-Pierre Tafunga para a África Central, Josef Keler (2º sexênio) para a Áustria, Albert Van Hecke para a Bélgica Norte, Fernand Nihoul para a Bélgica Sul, João Bosco Maciel para o Brasil — Campo Grande, Georg Demming para a Alemanha Norte, Joseph Telekkatt para Índia — Guwahati, Giovanni Mazzali para a Itália — Lígure-Toscana, Luigi Testa para a Itália — Meridional, Gianantonio Bonato para a Itália — Vêneta-Oeste, Alfredo Picchioni (2º sexênio) para o Oriente Médio, Francisco Javier Altamiro para o México-México, Eusébio Muñoz para a Espanha — Córdoba, Pedro López para a Espanha — Madrid, Cândido Orduna para a Espanha — Valência, Amílcar Visentini para o Uruguai — José Angel Divasson para a Venezuela. Também foi nomeado o P. Paulo Natali Superior da Visitadoria da UPS (cf. n. 5.3 destes ACG podem ser lidos algumas informações sobre os novos Inspetores).

A estes principais compromissos acrescentou-se também um primeiro estudo geral da programação para o sexênio, que de-

pois será retomado na segunda metade de setembro.

A sessão concluiu-se com uma peregrinação do Conselho aos lugares das origens salesianas, para uma união de orações no início do novo sexênio e aurir forças do Santo Fundador. Foram três dias de intensa espiritualidade: a 23 de maio com a visita e a celebração no Colle Don Bosco, a 24 de maio com a participação à festa de Nossa Senhora Auxiliadora em Valdocco e a 25 de maio com a visita a Mornese e a celebração em honra de S. Maria Mazzarello.

4.3 Atividade dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação, depois de ter passado uma dezena de dias no Chile e duas semanas na Inglaterra, dedicou quase dois meses à América Latina, aproveitando de três encontros de Inspetores e formadores já programados anteriormente.

No Equador (Quito-Cumbayá) do dia 22 ao 28 de julho participou do encontro dos Inspetores, delegados de Pastoral Juvenil e formadores da Região Pacífico-Caribe sobre a "Incidência dos valores da inserção na formação salesiana". Nos dias 17 a 22 de julho, sempre no Equador, participou da reunião anual dos Inspetores da Região, visitou o Centro regional salesiano para a Formação permanente e tomou conhecimento da situação da formação na Inspetoria de Quito.

Depois, do dia 31 de julho a 22 de agosto, visitou as seis Inspetorias do Brasil para informar-se sobre a situação formativa através de contatos com os Inspetores e os seus Conselhos, com as Comissões inspetoriais de formação e as comunidades da formação inicial.

Sempre no Brasil, de 7 a 9 de setembro, participou do encontro dos Inspetores e formadores da Conferência inspetorial que teve como tema: "A preparação imediata ao sacerdócio".

De 23 de agosto a 2 de setembro tomou conhecimento da realidade formativa das Inspetorias de Buenos Aires, La Plata e Rosário na Argentina e com o grupo dos ir-

mãos que participaram do XI curso de Formação Permanente organizado pela Conferência inspetorial do Plata.

De 2 a 5 de setembro em Rosário (Argentina) participou da reunião dos Inspetores e formadores das sete Inspetorias da Conferência do Plata, que tinha como tema "A formação do salesiano coadjutor".

No dia 11 de setembro voltava para Roma.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil entrou em contato com algumas Inspetorias, em particular com as equipes de Pastoral Juvenil.

Depois de ter participado — nos dias 30 e 31 de maio — no encontro dos delegados de pastoral da Itália, esteve presente no Conselho nacional de Pastoral Juvenil, em Madrid, de 1 a 4 de junho, e logo depois — de 6 a 10 de junho — na consulta de Pastoral Juvenil do Plata em Montevidéu.

Em seguida entre os dias 10 e 12 de junho viajou para o Chile e tomou contato com os encarregados da Inspetoria; em Santiago participou do encontro para o estudo de projetos missionários, organizado pela procura de New Rochelle.

Entre 12 e 15 de junho reuniu os delegados de Pastoral da seis Inspetorias do Brasil, para depois visitar durante três dias a Inspetoria de Recife.

Depois de uma breve escala em Roma, participou da conferência dos Inspetores de língua alemã em Viena, de 22 a 24 de junho. Naquela oportunidade conheceu os delegados da pastoral da Inspetoria austríaca e de Munique, bem como com o centro de Pastoral Juvenil de Benediktbeuern (Alemanha — Munique). Participou, depois, em parte, da Conferência dos Inspetores da Itália na Casa Geral nos dias 13 e 14 de julho.

Entre 23 e 27 de julho dedicou-se ao curso anual de Formação Permanente em S. Tarcísio (Roma) para os irmãos das Inspetorias da Itália e entre o 29 de julho a 5 de agosto pregou os exercícios espirituais às noviças FMA em Castelgandolfo.

No mês de agosto, juntamente com o P. Domingos Britschu e 35 irmãos húngaros, participou dos exercícios espirituais antes em Balassagyarmat (Hungria) e depois na

Inspetoria de Bratislava (Tchecoslováquia), onde, no dia 12 de agosto, foi inaugurado o novo Noviciado de Poprad. No dia 16 participou do Dia da Inspetoria de Praga quando pela primeira vez depois de 40 anos reúnem-se os SDB e membros da Família Salesiana para participar da profissão de tantos irmãos.

Nos dias 17 a 20 do mesmo mês visita a Inspetoria de Zagreb (Iugoslávia) para entrar em contato com os encarregados da Pastoral Juvenil.

Depois de uns dias passado em Roma, de 25 de agosto a 7 de setembro, visita as Inspetorias da Holanda, Bélgica Norte e Alemanha Norte.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social utilizou o período junho-setembro sobretudo para promover algum encontro e para o conhecimento dos dois setores nas Regiões e nas Inspetorias. Os compromissos na Inspetoria Meridional, concluindo o seu serviço como Inspetor, ocuparam muito tempo do novo Conselheiro.

No contexto da *Família Salesiana* o Conselheiro participou especialmente de reuniões e encontros de alguns ramos da Família. Eis uma breve lista dos momentos mais significativos:

- Encontro das VDB, no mês de junho, para celebrar o novo Bem-aventurado P. Filipe Rinaldi (10 de junho).
- Festa dos Cooperadores da Itália e Cooperadores do mundo vindos a Roma para a beatificação do P. Filipe Rinaldi (29 de abril).
- Encontro do Conselho executivo da Consulta Mundial dos Cooperadores (14 de setembro).
- Encontro do Conselho Confederal dos Ex-alunos (28 de abril).
- Participação ao Conselho Nacional dos Ex-alunos da Itália (8 de junho).
- Encontro com o Conselho executivo dos Ex-alunos da Itália para uma primeira leitura da pesquisa internacional Ex-alunos de Dom Bosco (15 de julho).
- Participação no encontro Ex-alunos e Ex-alunas das quatro Inspetorias de Turim (16 de setembro).

— Por ocasião do início do Capítulo Geral das FMA teve um encontro com a Presidente Mundial das Ex-alunas das FMA, para iniciar algumas perspectivas de trabalho e de compromisso comum.

No setor da *Comunicação Social* lembram-se alguns momentos que favoreceram um maior conhecimento da realidade salesiana.

Na última semana de junho numa viagem a Nova Iorque encontrou o irmão P. Carlos Garulo, que colaborará como Delegado central do dicastério da Comunicação Social.

A ocasião foi propícia também para uma visita ao "Multimedia Don Bosco", uma estrutura que está buscando uma mais clara configuração de trabalho e de inserção no contexto dos vários serviços que outros estão realizando.

Em Roma, depois, trabalhou na conclusão de dois livros já prontos: o volume do P. Marco Bongioanni sobre Dom Bosco comunicador, e o novo número da revista *Flash*.

Foram iniciados alguns contatos com organismos que trabalham na Comunicação Social. Em Particular com o ISCOS da UPS.

Providenciou-se, ainda, a substituição do diretor do Boletim Salesiano, P. Giuseppe Costa, que deixa depois de 9 anos a direção. A ele primeiramente o agradecimento pelo trabalho realizado e pelo desenvolvimento dado ao Boletim. Substitui-o o P. Humberto De Vanna, que trabalhou no ano 1989-1990 na ANS. A ele os votos fraternos de um ulterior incremento do Boletim.

Finalmente o Conselheiro fez uma rápida visita de contato e de informação dos dois centros editoriais da SEI e da LDC, encontrando-se com os irmãos e os leigos que trabalham nas duas estruturas.

O Conselheiro geral para as Missões

Após a sessão plenária do Conselho Geral, o Conselheiro para as Missões viajou para Nairobi, de onde viera para o Capítulo, para entregar o cargo de diretor do Teologado Salesiano e para saudar os irmãos das casas próximas, de maneira especial os noviços.

Passou depois o mês de junho em Paris,

na casa inspetorial, para um curso intensivo de francês, língua que lhe será muito útil em numerosas nações, especialmente na África. Durante a estadia na França aproveitou também para encontrar-se com irmãos missionários de passagem por Paris e para visitar as casas salesianas de Paris e Lyon.

Na metade de junho, durante dois dias esteve em Roma para presidir um encontro dos delegados inspetoriais da animação missionária da Itália visando a preparação dos campos de missão para voluntários leigos.

Nos primeiros dias de julho o Conselheiro viajava para a África, onde ficou quase dois meses (com uma só interrupção durante o mês de agosto por alguns dias numa reunião com os membros do dicastério para fazer a programação do dicastério). A viagem tinha fundamentalmente a finalidade de visitar os países da África Ocidental, para um primeiro contato com os irmãos e com o povo, e para conhecer as obras. Muitos os países visitados, com ricas experiências vividas nas diferentes realidades salesianas; eis a lista, em ordem: Senegal, Guiné, Costa do Marfim, Mali, Togo, Benin, Camarões, Guiné Equatorial, Serra Leoa, Gana, Nigéria, Congo, Gabão. Voltou a Roma através de Nairobi e a Etiópia.

Finalmente, na segunda metade de setembro (17-21), presidiu a reunião anual dos Procuradores das Missões salesianas, que se realizou em Viena.

O Ecônomo Geral

Nos dias 15 a 21 de julho o Ecônomo Geral visitou a Inspeção da Hungria e aquela de Bratislava — Tchecoslováquia. A finalidade da visita era de tomar contato das propriedades confiscadas pelas autoridades em 1950, avaliar a situação atual e a possibilidade de reaver a posse.

O mesmo fez na visita à Inspeção lugoslava de Ljubljana, realizada nos dias 20 a 25 de agosto. Além das casas da Eslovênia, a visita estendeu-se também ao sul, nas casas do Montenegro e do Kosovo.

O Conselheiro para a América Latina — Região Atlântica

Concluída a peregrinação do Conselho

Geral aos lugares das origens salesianas, o P. Carlos Techera viajou para Montevidéu. Lá, a 27 de maio, participou de uma grande procissão em honra de Nossa Senhora Auxiliadora, presidida pelo Arcebispo Dom José Gottardi, SDB. Após a celebração foram oficialmente inauguradas as reformas feitas no Santuário Nacional de Maria Auxiliadora. Intensificando uma verdadeira e específica pastoral no Santuário, ao qual chegam romarias de todas as regiões do País, será como o "Valdocco" do Uruguai: um verdadeiro centro de irradiação da devoção a Maria Auxiliadora, esta que foi a primeira casa salesiana fundada por Dom Lasagna em 1876.

Alguns dias depois reuniu-se em Montevidéu a Consulta de Pastoral Juvenil do Prata, com a finalidade de esboçar a programação do sexênio na linha do CG23: estava também presente o Conselheiro para a Pastoral Juvenil P. Luc Van Looy.

Em seguida o Regional continuava esta primeira viagem do sexênio, realizando as consultas para a escolha dos novos Inspectores nas Inspeções de Porto Alegre e Belo Horizonte, no Brasil.

No dia 21 de julho chegava a Quito para participar, juntamente com um delegado do Brasil e um do Prata, do encontro organizado pela Região Pacífico-Caribe sobre os valores da "inserção" na formação salesiana.

No dia 31 do mesmo mês viajava para Angola: lá os Salesianos, unidos à Igreja local, estão se preparando à celebração dos 500 anos da primeira evangelização, que acontecerá em 1991, e, ao mesmo tempo, com um sério trabalho de avaliação e de programação, para comemorar os primeiros dez anos da chegada nesta fronteira missionária, assumida por toda a Região Atlântica. Está em construção a casa de formação, que se espera será inaugurada pelo Reitor-Mor na sua primeira visita à Angola. O Regional visitou também o lugar da próxima fundação, que será iniciada na nova diocese de N'Dalatando. O governo dou dois terrenos e um terceiro foi colocado à disposição pelo Cardeal para a construção de três escolas de iniciação ao trabalho na cidade de Luanda, dando assim uma contribuição importante para a formação integral da juventude pobre, que é bastante nu-

merosa. Pode-se verdadeiramente afirmar que, junto com as FMA que estão para iniciar a terceira casa em Kalulo, o carisma de Dom Bosco cresce: há aspirantes SDB e FMA e um pré-noviço angolano, como também grupos de Cooperadores Salesianos: trabalha-se em alegre unidade de Família Salesiana.

De volta da Angola, o P. Techera participou das celebrações centenárias do Colégio Dom Bosco na cidade de Bahia Blanca; visitou depois as comunidades desta Inspeção e daquela de Rosário, para realizar a consulta visando a nomeação dos novos Inspectores.

Visitou também os participantes do XI Curso de Formação Permanente do Prata; visitou o noviciado inter-inspetorial de La Plata; abriu a reunião dos formadores do Prata, quando com os Inspectores estavam presentes o P. José Nicolussi. Uma reunião semelhante realizou-se também no Brasil. Aos dois encontros seguiu-se a reunião das Conferências inspetoriais, em que foram traçadas as linhas fundamentais para a programação do sexênio, seguindo as orientações do CG23.

No dia 12 de setembro o Regional voltou para Roma.

O Conselheiro para a América Latina — Região Pacífico Caribe

No período de junho a setembro o Conselheiro para a Região Pacífico-Caribe, o P. Guilherme Garcia Montano, realizou uma primeira viagem de conhecimento da Região, com um duplo objetivo: 1º) ter um contato com a realidade de cada uma das Inspeções, para compreender as situações concretas em que está inserido o projeto de Dom Bosco; 2º) apresentar-se aos irmãos e iniciar com eles um diálogo amigável para facilitar amanhã uma relação cordial e frutuosa, que favoreça a animação da vida e da missão salesiana.

Graças à colaboração, especialmente dos Inspectores, nos três meses e meio de viagens, o Regional visitou as onze Inspeções e todas as nações (18) da Região, com exceção de Curaçao. Só um inconveniente: em Porto Rico e Panamá o avião não chegou na hora, e assim não conseguiu encontrar-se com os irmãos, como tinha sido progra-

mado. No mês de setembro pôde visitar também a Guiné, onde permaneceu 10 dias, falando com cada um dos irmãos e conhecendo as nossas presenças de Conakry, Kankan-Dabadougou, Siguiri e Saint Alexis.

Os resultados da viagem são positivos, no parecer do Regional.

Teve encontros significativos com os Inspectores. Em particular deve-se lembrar a reunião anual de Quito, quando se trabalhou para a avaliação do sexênio passado e para individualizar necessidades e prioridades do novo sexênio 1990-96. Programou-se o pós-capítulo, os cursos do centro regional de Formação Permanente, e o próximo encontro em Cochabamba (Bolívia) em 1991. Foram discutidos também os temas do manual de orações para a Região, da nossa presença missionária em Guiné, etc.

Além de ter conhecido quase 70% dos irmãos da Região, o Regional encontrou-se:

- com Dom Oscar Rodriguez, Secretário do CELAM;
- com o Arcebispo de Lima (Peru) e com aquele de La Havana (Cuba) para examinar a situação de seus países e as perspectivas do trabalho pastoral salesiano nas respectivas dioceses;
- igualmente com o arcebispo de Conakry, Dom Robert Sarah, com Dom Gurruchaga e Dom Delgado no Peru, e com o Bispo de Camagüey, em Cuba.

Com alegria esteve presente à tomada de posse do P. Francisco Javier Altamirano e do P. José Angel Divasson como Inspectores de México-México e da Venezuela. Foi possível também encontrar-se com os irmãos em assembléia inspetorial (2), ou em reuniões de diretores (7), ou regionais (23), ou de missionários (3). Significativo o encontro dos coadjutores em Lima (Peru).

Foram feitas três consultas para a nomeação dos Inspectores: no Chile, nas Antilhas, na Colômbia-Medellín.

O Regional, ainda, entrou em contato com dirigentes e grupos da Família Salesiana. Em particular, em Caracas, encontrou-se com Pedro Monsalve, do Conselho Mundial dos Cooperadores, e com o Conselho Central das "Damas Salesianas" em sua sede.

O documento do CG23, traduzido e impresso em espanhol, chegou a todos os irmãos, junto com um material de apoio, ela-

borado na Espanha para melhor assimilar e aplicar as orientações e deliberações capitulares. Foi bem acolhido e procura-se colocá-lo em prática: por isso várias Inspetorias elaboraram subsídios e pensaram em reuniões especiais para torná-lo conhecido.

Durante toda a visita o Regional percebeu a cordial acolhida, a ótima disposição de abertura e de confiança dos irmãos em receber orientações e indicações do Reitor-Mor e do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Além da rápida visita à França para participar das celebrações em honra de S. Francisco de Sales, novo padroeiro da Inspetoria de Lyon, e uma breve estadia em Madrid para aprender um pouco de "castelhano" (por causa da importância cada vez maior desta língua nalgumas regiões dos Estados Unidos), o Conselheiro para a Região de Língua Inglesa dedicou estes últimos meses principalmente para visitar as duas Visitadorias da Região, África Meridional e Canadá Leste, e as duas Inspetorias dos Estados Unidos.

A finalidade dessas visitas nas Visitadorias era a de retomar o contato com os irmãos, rever algumas obras novas ou obras-chaves e em geral animar.

Muito agradáveis as impressões recebidas em ambas as Visitadorias. Apesar das incertezas da situação política na África do Sul, os nossos irmãos vão adiante com fé e espírito de trabalho salesiano. Com alegria o Regional visitou a nova obra para garotos de rua na Cidade do Cabo e o novo Centro Catequético do Joanesburgo, ambas com grandes perspectivas. Bonita também a nova casa do Noviciado em Maputsoe (Lesoto). Infelizmente não foi possível, por falta de tempo, visitar as nossas presenças no Suazilândia.

No Canadá Leste o Regional encontrou-se com todos os irmãos que estavam reunidos para os exercícios espirituais. Achou interessante o fato que os exercícios espirituais são feitos em anos alternados na língua inglesa e na língua francesa: bonito exemplo de unidade num país onde os habitantes de língua inglesa e os de língua francesa encontram dificuldades para

se entender. Apesar de seu número reduzido, aos olhos do Regional esta Visitadoria está dando bons sinais de vitalidade.

A passagem do Regional pelas duas Inspetorias dos Estados Unidos não lhe permitiu ficar muito tempo em cada casa. Devia fazer a consulta para a escolha dos novos inspetores, o que causou breves estadias nalgumas comunidades, reunindo-se aí todos os irmãos de diferentes regiões. Desta maneira pôde, todavia, entrar em contato com quase todos os membros das duas Inspetorias. Era o início do ano escolar 1990-1991 e os irmãos, um pouco reduzidos em relação ao ano anterior, preparavam-se para caminhar com os jovens no itinerário da fé.

Terminadas as consultas no dia 14 de setembro, voltava para Roma.

O Conselheiro para a Região asiática

Saindo de Roma no dia 8 de julho, o P. Thomas Panakezham primeiramente visitou as quatro comunidades no Sri Lanka. Apesar da grave situação política e a guerra civil, os irmãos encontram-se bem e desenvolvem a sua missão sem grandes preocupações.

No dia 13 de julho viajou para a Índia, visitando as Inspetorias de Bangalore e de Calcutá: nessa última passou em quase todas as casas para apresentar a consulta visando a nomeação do novo Inspetor.

Em seguida visitou várias comunidades das Inspetorias de Madras, Dimapur e Guwahati. Deve-se salientar que nestes últimos anos a situação política do Nordeste da Índia não permite aos irmãos um movimento mais livre e pacífico, mas o trabalho missionário continua com uma certa segurança. No próximo dia 8 de dezembro celebrar-se-á o primeiro centenário da chegada dos primeiros sete missionários Salvatorianos nesta região do sub-contidente indiano. Os Salesianos continuaram o trabalho deles a partir de 1922.

Durante sua estadia na Inspetoria de Guwahati o Regional participou de uma reunião promovida pelo Conselho nacional de pastoral, em nível de nação indiana, realizada em Shillong. Os participantes traçaram algumas linhas de ação para levar adiante as decisões do CG23.

Logo em seguida o P. Panakezham presidiu a Conferência inspetorial indiana. Continuou-se o estudo sobre as escolas técnicas e profissionais; realizou-se também uma avaliação do serviço da equipe de pastoral juvenil em nível nacional...

Entre o 15 de agosto e o 9 de setembro o P. Thomas fez uma rápida viagem a algumas comunidades das Inspetorias da Tailândia, Filipinas, Hong Kong, Coreia e Japão. Na Coreia e no Japão, em particular, realizou a consulta para a nomeação do Inspetor. No Japão depois, em Yamanaka, presidiu a reunião dos Inspetores do Extremo Oriente. Trocaram-se idéias sobre a inculturação do carisma de Dom Bosco; programou-se, ainda, uma reunião dos coadjutores professores perpétuos em Hua Hin (Tailândia), e uma dos diretores do Extremo Oriente, em Hong Kong.

Nas Filipinas o Regional viu, ao menos em parte, os danos causados pelo terremoto em obras salesianas, especialmente na casa de Tarlac e na diocese de S. José, onde trabalha o nosso bispo Dom Leo Drona.

Como conclusão, pode-se dizer que em todas as nações da Região asiática onde trabalham os Salesianos existe um discreto número de noviços e todo ano um número considerável de diáconos são ordenados sacerdotes. Já estamos presentes aos pés do Himalaya, no Sikim.

O Regional voltava para Roma no dia 10 de setembro.

O Conselheiro regional para a Europa Central e África Central

Diante dos recentes acontecimentos que sacudiram o quadro geopolítico da Europa Central, o P. Domingos Britschu dedicou grande parte dos meses estivos às Inspetorias de Praga e de Budapeste. Desta vez os encontros com os irmãos realizaram-se num clima de aberta cordialidade.

Superados os condicionamentos de uma já ultrapassada clandestinidade, os Salesianos tchecos estão respondendo com generosidade e criatividade às prementes instâncias dos Bispos locais. À sua operosidade corresponde o afeto igualmente ativo de grande parte da população, em particular dos Cooperadores salesianos e de numerosos jovens. O fruto desta intensa ativi-

dade manifestou-se no número constante de noviços, em ambas as Inspetorias: uma dezena todo ano, uns quarenta neste ano.

Nos seus contatos com as outras Inspetorias (Áustria, Bélgica, França, Alemanha) o Regional, também dedicou a devida atenção aos problemas e às esperanças do lugar, fez-se intérprete das expectativas dos países visitados. Não só, mas em todo lugar, aproveitando da ocasião do recente "batismo" da Inspetoria de Lyon, ele tornou-se promotor de uma indispensável redescoberta — visando uma adequada evangelização da Europa — da figura espiritual de S. Francisco de Sales.

O Conselheiro para a Região Ibérica

Depois de ter celebrado a festa de Nossa Senhora Auxiliadora em Valdocco com o Reitor-Mor e o Conselho, o P. Antonio Rodriguez Tallón voltou para a Região com a finalidade de entrar em contato com cada uma das Inspetorias.

Inicia a 26 de maio por Barcelona, onde participa de um período de trabalho com o Conselho inspetorial e visita as seguintes casas, além da comunidade inspetorial: Tibidabo, Sarriá, Horta, Sant Jordi, Mataró, Marti-Codolar, La Mina e Ciudad Meridiana. Teve também ocasião de participar da cerimônia de tomada de posse do novo Arcebispo de Barcelona Dom Carles.

Na noite do dia 30 de maio parte para Madrid, onde também participa de uma sessão de trabalho com o Conselho inspetorial, participa dos trabalhos da Delegação nacional de Pastoral Juvenil, e apresenta o novo delegado nacional para os Ex-alunos, o P. Celestino Rivera, por ocasião do Conselho nacional da Federação espanhola dos Ex-alunos. Visita as seguintes casas: Comunidade dos Teólogos, Procuradoria Alcalá de Henares, Mohernando, Guadalajara, Carabanchel e Burgos, esta última pertencente à Inspetoria de Bilbao como pós-noviçado interinspetorial.

No dia 6 de junho chega a Córdoba onde participa, no dia 9 de junho, à tomada de posse do novo Inspetor e à promessa de um bom número de jovens Cooperadores.

No dia 14 de junho encontra-se com o Conselho inspetorial de Sevilha e visita a comunidade dos Teólogos.

No dia 17 de junho apresenta o novo delegado nacional para os Cooperadores, durante a reunião de trabalho da Consulta nacional desta Associação.

De 18 a 24 de junho visita todas as Casas de Portugal e participa de um período de trabalho do Conselho inspetorial.

Na semana seguinte encontra-se na Inspetoria de Valência. No dia 29, por ocasião da festa inspetorial, toma posse o novo Inspetor. Visita em seguida as casas de Valência, Cartagena e Alicante.

Nos dias 9 a 14 de julho visita a Inspetoria de León, passando em quase todas as Casas e nalguns campos de férias em plena atividade. Tem também a oportunidade de encontrar um grupo de irmãos que participam dos exercícios espirituais em Lugo.

No dia 21 de julho participa da tomada de posse do novo Inspetor de Madrid.

Sucessivamente dedica-se a uma rápida visita às Casas salesianas da República do Togo, na África, e aí, no dia 16 de agosto, recebe a primeira profissão de 9 irmãos africanos, de 6 nações diferentes.

De volta à Espanha, no dia 8 de setembro, junto com o Inspetor de Madrid, apresenta os diretores das Casas interinspetoriais: "Central Catequética Salesiana" e a Procuradoria Missionária.

Finalmente a Inspetoria de Bilbao é visitada durante alguns dias do mês de setembro. O Regional realiza uma rápida volta em todas as Casas com a finalidade de conhecer e saudar antes de realizar a visita extraordinária que realizará no próximo mês de março.

O Conselheiro para a Itália e o Médio Oriente

Tendo ainda que responder, até o mês de setembro, às necessidades da Inspetoria S. Zeno de Verona, o P. Giovanni Fedrigotti cuidou da progressiva inserção na Região.

Preocupação principal foi aquela de comunicar o espírito e as orientações do CG23: foi-lhe oferecida a ocasião de falar aos noviços de Pinerolo e aos jovens sacerdotes salesianos italianos reunidos em Triuggio, aos professores da Inspetoria S. Marcos reunidos na cidade de Pordenone, à Família Salesiana reunida em Bolzano e em Colcumano (Belluno) para uma atualiza-

ção salesiana, aos diretores da Inspetoria Ligure-Toscana reunidos em Gênova ao redor do novo Inspetor.

Em nome do reitor-Mor e do Conselho Geral deu posse aos novos Inspetores italianos em suas sedes: P. Gianni Mazzali em Gênova Sampierdarena, no dia 19 de setembro; P. Luigi Testa, no Dom Bosco de Nápolis, no dia 5 de setembro; P. Gianantonio Bonato, no Dom Bosco de Verona, no dia 9 de setembro.

Presidiu os encontros das Inspetorias vênetas (SDB e FMA) como preparação da festa do Reitor-Mor, que será realizada em Mestre e Pádua, no mês de dezembro.

Na metade do mês de julho, na Pisa, animou o anual encontro CISI e no dia 8 de setembro, como já é tradicional, recebeu a profissão religiosa aos 21 noviços de Pinerolo e acolheu com alegria os 25 seus sucessores. Ao mesmo tempo, nas mãos do Reitor-Mor na Basílica do Sagrado Coração em Roma, professavam outros 13 noviços, enquanto 21 jovens apresentavam-se para tomar o seu lugar no noviciado de Lannúvio.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

O P. Augustyn Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, no dia 26 de maio viajou para a Varsóvia, onde presidiu a reunião dos Inspetores da Polônia, e logo em seguida no mês de junho realizou a consulta para a nomeação do novo Inspetor da Inspetoria de Varsóvia. Visitou todas as comunidades desta Inspetoria; visitou também 10 comunidades formadoras, participando das ordenações sacerdotais em Lad; teve também alguns encontros com os grupos da Família Salesiana.

Dedicou todo o mês de julho para realizar visitas de animação na União Soviética (Bielorrússia, Rússia, Geórgia, Letônia, Lituânia e Ucrânia), encontrando irmãos, a Família Salesiana e as autoridades eclesásticas.

Nos primeiros dias de agosto participou de um encontro organizado pela Superiora Geral das FMA, Madre Marinella Castagno, que, no contexto da visita realizada na Polônia, reuniu as representantes das FMA de alguns países do Leste: Boêmia, Eslováquia, Hungria, Lituânia, e das duas

Inspetorias da Polônia; presidiu a celebração em Czestochowa e o rito das profissões em várias localidades.

Depois de uma breve estadia em Roma, na metade de agosto até a metade de setembro esteve na África para visitar os países da Zâmbia, Quênia e Uganda, onde trabalham ou estudam os irmãos pertencentes à Inspetoria de Varsóvia, entre os quais também realizou a consulta para a nomeação do Inspetar.

Neste período de tempo pôde visitar todas as presenças salesianas na Zâmbia, participou dos exercícios espirituais e recebeu as profissões, assistiu à tomada de posse do Delegado Inspetorial da Zâmbia,

o P. Piotr Borzozka; visitou também o Pronúncio Apostólico em Lusaka e alguns Bispos.

No Quênia esteve na comunidade formadora dos teólogos para encontrar, entre outros, os estudantes missionários da Zâmbia e da Uganda. Entrou em contato com o P. Thayil, Superior da Visitadoria, e com outros irmãos.

Na Uganda, finalmente, encontrou os cinco irmãos da Missão de Bombo, iniciada só dois anos atrás. Juntamente com eles estudou o projeto global do desenvolvimento da obra salesiana na Uganda.

No dia 16 de setembro estava de volta a Roma.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Decreto sobre o milagre para a beatificação do P. Filipe Rinaldi

Apresentamos uma nossa tradução do decreto "Super dubio" da Congregação para as causas dos Santos para a aprovação do milagre atribuído à intercessão do Ven. Filipe Rinaldi, visando a sua beatificação.

Filipe Rinaldi, nascido a 28 de maio de 1856, em Lu Monferrato, na diocese de Casale, entrado na Sociedade Salesiana, fez os sagrados votos nas mãos do próprio Fundador da mesma Sociedade. Ordenado sacerdote, foram-lhe confiados vários encargos, até que em 1922 foi eleito Reitor-Mor da Sociedade, que guiou com prudência e incrementou em número de casas e de membros. Por todos era considerado como imagem viva de São João Bosco. Faleceu em Turim no dia 5 de dezembro de 1931, resplandecente de fama de santidade. João Paulo II, depois, no dia 3 de janeiro de 1987, declarou que ele exerceu as virtudes cristãs de maneira heróica.

Agora, para que se possa proceder legitimamente à solene beatificação do Venerável Filipe Rinaldi, os autores da Causa apresentaram à Sé Apostólica uma cura que era considerada milagrosa, alcançada de Deus pela intercessão do mesmo Venerável.

Com essa milagrosa cura foi agraciada a irmã Carla De Noni, aos 35 anos, pertencente à Congregação das Missionárias da Paixão de N. S. Jesus Cristo; ela era naquele tempo enfermeira e assistente da juventude feminina na paróquia de Villanova de Mondoví.

A descrição do extraordinário acontecimento é o seguinte: Enquanto a mencionada religiosa, no dia 20 de abril de 1945 — ou seja, nos últimos dias da última guerra mundial —, estava viajando de Villanova a Mandoví de trem, este foi violentamente metralhado, e ela ficou ferida, também se não mortalmente, no ombro e no braço. Porém, uma daquelas balas transpassou a face da irmã, arrancando-lhe todos os dentes inferiores e o osso do queixo. Logo foi-lhe prestado o socorro necessário na clínica "Bó-sio", onde ficou internada do dia 20 ao 26

de abril; aí foram-lhe prestados os cuidados gerais, porque se pensava estar iminente o fim. De volta depois à sua casa religiosa de Villanova de Mondoví, seu estado clínico não melhorou em nada, sendo inúteis todos os tratamentos que lhe fez o médico do lugar, pois ele afirmava que todas as atividades da boca eram impedidas, de maneira que ela não podia falar, comer, deglutir; a língua estava caída e imóvel, o lábio inferior caído, porque não estava sustentado pelo osso inferior do queixo.

Nesta situação, enquanto a irmã vivia numa fase de pré-agonia, no dia 27 de abril — isto é, no dia seguinte à sua remoção da clínica, foi colocada sobre o peito da doente uma relíquia do Venerável Filipe Rinaldi, e a partir daquele momento começou rapidamente o processo de cura, com a retomada de todas as funções da boca.

Diante dessa extraordinária cura foi celebrado um duplo processo na cura de Mondoví: um ordinário (nos anos 1948/1949), o outro "de reconhecimento" (no ano de 1980); sobre a validade jurídica de ambos os processos foi emanado um Decreto desta Congregação no dia 18 de julho de 1986. Por insistência do Rev. P. Luigi Fiora, Postulador Geral da Sociedade salesiana, os atos destes processos jurídicos foram submetidos ao juízo da Perícia Médica, que, de uma maneira, a mais profunda e a mais ampla do que se costuma, estudou e discutiu essa cura, exatamente uma primeira vez no dia 13 de janeiro de 1988, depois novamente a 9 de novembro de 1988 e finalmente pela terceira vez no dia 7 de junho de 1989, declarando que essa cura não pode ser explicada com as leis da atual ciência médica.

A partir disso, passou-se à discussão teológica nas reuniões ordinárias desta Congregação, e isto é antes, no dia 13 de outubro de 1989, na Reunião específica dos Consultores teólogos, sendo moderador o Revmo. P. Antonio Petti, Promotor Geral da Fé; depois, no dia 19 de dezembro do mesmo ano, na Congregação ordinária dos Padres Cardeais, prepostos à essa mesma Congregação, reunida no Palácio Apostólico Vaticano, sendo relator o Exmo. Card. Alfons Stikler. E em ambas as reuniões, ten-

do sido perguntado se tivesse havido o milagre, foi dada a resposta afirmativa.

Tendo pois o abaixo assinado Cardeal Prefeito informado de todos esses fatos o Sumo Pontífice João Paulo II, este, aceitando e ratificando o parecer da Congregação para a Causa dos Santos, determinou que fosse escrito — de acordo com as normas — o decreto sobre a mesma extraordinária cura.

Tendo sido feito tudo isso, hoje, tendo sido convocados os abaixo assinados Cardeal Prefeito e o Cardeal relator, eu, Bispo Subsecretário, e outros que normalmente são convocados, na presença deles. Sua Santidade o Papa afirmou que *é um milagre, concedido por Deus, pela intercessão do Venerável Filipe Rinaldi, isto é, a rapidíssima e duradoura cura da Irmã Carla De Nomi "ferida com arma de fogo pela passagem da bala pela região bucal direita, tendo saído, a mesma, pela região esquerda, com lesão da mandíbula e trauma das partes moles e da mandíbula inferior, numa pessoa ferida em outras partes com arma de fogo na parte esquerda do tórax sem a lesão dos órgãos internos"*.

Sua Santidade quis que este Decreto fosse publicado e inserido nos atos da Congregação para a Causa dos Santos.

Dato em Roma a 13 de março de 1990.

† ANGELO Card. FELICI, Prefeito

† Traiano Crisan, Arcebispo, Secretário

5.2. O novo Conselho Geral

O Capítulo Geral 23, nas eleições realizadas nos dias a partir de 7 de abril de 1990, elegeu o novo Conselho Geral para o sexênio 1990-1996.

Apresentamos, aqui, para a documentação, como é composto o Conselho:

P. Egídio VIGANÓ, *Reitor-Mor*

P. Juan VECCHI, *Vigário do Reitor-Mor*

P. José NICOLUSSI, *Conselheiro para a Formação*

P. Luc VAN LOOY, *Conselheiro para a pastoral juvenil*

P. Antonio MARTINELLI, *Conselheiro para a FS e a CS*

P. Luciano ODORICO, *Conselheiro para as Missões*

P. Omero PARON, *Ecônomo Geral*

P. Domingos BRITSCHU, *Conselheiro para a Região Centro-Europa e África Central*

P. João FEDRIGOTTI, *Conselheiro para a Itália e o Médio Oriente*

P. Guilherme GARCIA MONTAÑO, *Conselheiro para a Região Pacífico-Caribe*

P. Martin McPAKE, *Conselheiro para a Região de Língua Inglesa*

P. Thomas PANAKEZHAM, *Conselheiro para a Região Ásia*

P. Antonio RODRIGUEZ TALLON, *Conselheiro para a Região Ibérica*

P. Carlos TECHERA, *Conselheiro para a Região Atlântico*

Secretário do Conselho continua o P. Francisco MARACCANI.

Ainda, durante a sessão plenária do mês de maio, o Reitor-Mor confirmou o P. Agustyn DZIEDZIEL seu delegado para as Inspeções da Polónia.

Apresentamos aqui alguns dados sobre os Conselheiros que, pela primeira vez, entram a fazer parte do Conselho Geral.

P. José NICOLUSSI, *Conselheiro para a Formação*

José Nicolussi nasceu em Bolzano, a 19 de outubro de 1938, entrou no aspirantado salesiano de Trento, onde amadureceu a vocação salesiana. Feito o Noviciado em Albaré (Verona) e emitida a primeira profissão a 16 de agosto de 1955, partiu ainda clérigo para o Chile, onde fez o tirocínio e os estudos teológicos e foi ordenado sacerdote em Santiago, no dia 28 de agosto de 1965.

Alcançado o doutorado em teologia em Lováina, foi professor, depois diretor da comunidade dos teólogos de Santiago-Macul (1973), depois Vigário inspetorial e diretor da casa inspetorial (1976). Em 1978 foi nomeado inspetor da Inspeção do Chile.

Em 1984, no final do CG22 e concluindo o seu mandato de Inspetor, ficou na Casa Geral em Roma como colaborador do Conselheiro para a Formação. De volta ao Chile, em 1988, voltou a dirigir o estudiantado teológico em Santiago — La Florida. Ora o CG23 o elegeu membro do Conselho Geral.

P. Antonio MARTINELLI, *Conselheiro para a FS e a CS*

Natural de Soverato, na província de

Catanzaro, a 22 de maio de 1934, Antonio Martinelli entrou no colégio salesiano da sua cidade natal; aceito no Noviciado de Pórtici (Nápoles), concluiu-o a 16 de agosto de 1950 com a primeira profissão religiosa. Feito o tirocínio prático, foi mandado ao estudantado de Turim-Crocetta para fazer os estudos teológicos, concluídos os quais foi ordenado sacerdote na basílica de Maria Auxiliadora em Turim a 11 de fevereiro de 1960.

Alcançada a licença em Teologia, o P. Martinelli voltava à sua Inspetoria como professor e animador antes em Torre Anunziata, depois no estudantado teológico de Castellamare di Stabia. Aqui, em 1968, assumiu o encargo de diretor; alguns anos mais tarde entrava a fazer parte do Conselho inspetorial.

Depois de ter participado do CGE, em 1972, foi nomeado Inspetor da Inspetoria Vêneta Oeste (Verona). Concluído o seu sexênio, voltou a Castellamare, mas passado um ano foi chamado a assumir a direção do Centro Nacional de Pastoral Juvenil. A partir de 1980 tinha também a tarefa de Secretário da Conferência das Inspetorias da Itália (CISI).

Em 1987 tinha sido nomeado Inspetor da Inspetoria Meridional, encargo que estava desenvolvendo quando o CG23 o elegeu membro do Conselho Geral.

P. Luciano ODORICO, Conselheiro para as Missões

Luciano Odorico nasceu no município de Sesto al Réghena (Pordenone), a 13 de dezembro de 1938. Aluno dos colégios salesianos de Turim-Rebaudengo, e Bagnolo Piemonte, partiu muito jovem para a Venezuela: lá fez o Noviciado e professou pela primeira vez a 15 de setembro de 1956.

Depois da experiência de tirocínio, foi mandado para a Itália para fazer os estudos teológicos, que frequentou no PAS, antes em Turim e depois em Roma, concluídos os quais foi ordenado sacerdote a 22 de dezembro de 1966.

De volta à Venezuela, teve vários cargos de responsabilidade: diretor de Caracas-Boleita em 1974, depois Conselheiro Inspetorial; em 1978 foi nomeado Inspetor, encargo que desenvolveu durante seis anos.

Terminado o mandato, após a participação ao CG22, foi mandado para a África como diretor do estudantado internacional de Nairobi no Quênia. Aqui, quando foi constituída a Visitadoria da África Leste, foi nomeado Vigário do Superior.

Agora o CG23 o elegeu Conselheiro para as Missões.

P. João FEDRIGOTTI, Conselheiro para a Itália e o Médio Oriente

Natural de Tiarno, na província de Trento, onde nasceu a 26 de fevereiro de 1944, entrou na Congregação com 17 anos: a 16 de agosto de 1961 professou pela primeira vez em Albaré (Verona). Feitos os estudos de filosofia e teologia no PAS, foi ordenado sacerdote em Trento a 9 de abril de 1972. Alcançada a licença em Teologia e o diploma em filosofia, foi professor no Instituto Dom Bosco de Verona, que em pouco tempo foi chamado a dirigir. Foi também apreciado colaborador na animação da Inspetoria como Conselheiro Inspetorial. Terminado o sexênio como diretor, continuou sua atividade como professor, além do Dom Bosco de Verona, também no pós-noviciado de Nave (Bréscia), filiado à UPS.

Depois de ter participado, em 1984, do CG22, foi nomeado diretor do Instituto "Reinerum" de Bolzano; mas poucos meses depois foi eleito Inspetor da Inspetoria "S. Zeno" de Verona, encargo que ainda estava desempenhando quando o CG23 o elegeu Conselheiro regional para a Itália e Médio Oriente.

P. Guilherme GARCIA MONTAÑO, Conselheiro para a Região Pacífico-Caribe

Natural de Zamora (México) onde nasceu a 26 de abril de 1937, Guilherme Garcia fez o noviciado em Coacalco, concluindo-o com a profissão religiosa a 16 de agosto de 1954. Ordenado sacerdote na Cidade do México em 1964 e alcançada a licença para o ensino nas escolas superiores, frequentou também o curso de pastoral junto ao CELAM em Medellín (Colômbia). Após ter sido delegado Inspetorial da Pastoral Juvenil, dirigiu a casa salesiana de México-Santa Júlia, e, em seguida, foi diretor e pároco em Rio Manso-Arenal na Prelatura de

Oaxaca. Participou como delegado da Inspeção ao CG22 (1984) e, depois de ter desenvolvido durante um ano o cargo de Vigário Inspeção, em 1986 foi nomeado Inspetor da Inspeção da Cidade do México.

Estava desenvolvendo o seu mandato de Inspetor quando o CG23 chamou-o a fazer parte do Conselho Geral como Regional para o Pacífico-Caribe

P. Antonio RODRIGUEZ TALLON, Conselheiro para a Região Ibérica

Nasceu em Santa Fé perto de Granada (Espanha) a 4 de julho de 1940; Antonio Rodriguez Tallon, professor na Sociedade Salesiana a 16 de agosto de 1956. Sacerdote em 1966, diplomado em teologia e em engenharia técnica, ele chegou ao governo da Inspeção de Córdoba em 1984, após a experiência de animação e de diretor em Santa Cruz de Tenerife e em Córdoba. Em 1978 assumiu a tarefa de Vigário Inspeção e de delegado da Pastoral Juvenil. Participou aos CG 21 e 22.

Agora, no final do seu sexênio de Inspetor, o CG23 elegeu-o Conselheiro para a Região Ibérica.

5.3. Novos Inspetores

Apresentamos alguns dados sobre os Inspetores que foram nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante o mês de maio.

1. *P. ALTAMIRANO Francisco Javier, para a Inspeção de México (México)*

O P. Francisco Javier ALTAMIRANO ÁLVAREZ foi chamado a suceder ao P. Guillerme Garcia Montaño, eleito Conselheiro regional para a Região Pacífico-Caribe na América Latina.

Francisco Javier Altamirano nasceu em Guadalajara (México) a 19 de janeiro de 1943. Ainda garoto frequentou o colégio salesiano de Guadalajara e passou para o Noviciado de Coacalco, onde tornou-se salesiano professando no dia 16 de agosto de 1960.

Feito tirocínio, frequentou o curso teológico e foi ordenado sacerdote em Guadalajara a 27 de dezembro de 1969.

Após vários anos de experiência educativa, em 1977 foi nomeado diretor do colégio de Querétano. Em 1983 começou a fazer parte do Conselho Inspeção e em 1986 foi nomeado Vigário Inspeção e encarregado da Pastoral Juvenil.

Participou como delegado ao CG23.

2. P. BONATO Gianantonio, para a Inspeção Vêneta Oeste (Itália)

Gianantonio Bonato nasceu a 9 de novembro de 1943 em Schio (Vicenza), onde foi aluno do animado oratório salesiano e da anexa escola primária. Atraído pelo ideal de Dom Bosco, fez o noviciado em Albaré (Verona), onde professou pela primeira vez a 16 de agosto de 1960.

Após o tirocínio prático, fez seus estudos teológicos no Pontifício Ateneu Salesiano, alcançando a licença em teologia. Foi ordenado sacerdote a Este no dia 17 de abril de 1974. Em seguida diplomou-se em letras e frequentou o Instituto Internacional de Catequética de Paris, onde conseguiu o diploma em Pastoral catequética.

Após alguns anos como professor, dedicou-se plenamente à catequese: trabalhou na diocese de Trento, na casa de Revereto, onde foi diretor-encarregado da comunidade. Ao mesmo tempo cuidou da publicação de alguns textos de catequese.

Em 1986 foi mandado como diretor do oratório-centro juvenil de Schio, animando também aí a catequese da região com os irmãos. Foi também Conselheiro Inspeção durante seis anos.

Nomeado Inspetor, sucede ao P. Giovanni Fedrigotti eleito no CG23 Conselheiro regional para a Itália e o Médio Oriente.

3. P. DEMMING Georg, para a Inspeção da Alemanha Norte

Georg Demming nasceu em Südlohn, na Vestfália, a 16 de dezembro de 1938. Aluno da escola salesiana de Essen-Borbeck, passou ao Noviciado de Jünkerath, onde fez sua profissão religiosa salesiana a 25 de março de 1959. Após a prova prática do tirocínio e os estudos de teologia, foi ordenado sacerdote em Benediktbeurn, a 30 de junho de 1968.

Pouco tempo depois foi chamado a as-

sumir encargos de responsabilidade: em 1971 de fato era nomeado diretor do centro juvenil e paroquial de Hanover. O trabalho mais intenso e os dotes de educador salesiano do P. Demming deviam-se revelar na tarefa de mestre de noviços das duas Inspetorias alemãs, em Jünkerath, encargo que exerceu desde 1981 até a data em que foi nomeado Inspetor.

4. P. *DIVASSON José Angel, para a Inspetoria da Venezuela*

Nasceu em Artajona, na província de Pamplona (Espanha), a 21 de abril de 1939; com 12 anos entrou no colégio salesiano de Astudillo: atraído pelo ideal salesiano, fez o Noviciado em Mohernando, onde professou a 16 de agosto de 1955.

Seguindo o chamado missionário, partiu ainda jovem para a Venezuela para fazer o tirocínio prático: em Los Teques emitiu a profissão perpétua em 1961.

Para os estudos de teologia foi mandado para Turim-Crocetta: aí foi ordenado sacerdote a 11 de fevereiro de 1965. Alcança a licença em teologia; fez também um curso de dinâmica de grupo.

Novamente na Venezuela, recebe depois de pouco tempo encargos de responsabilidade: em 1972 é nomeado diretor da casa de Caracas-Sarriá; ao mesmo tempo entra a fazer parte do Conselho Inspetorial. Desde 1985 era diretor da casa de Valera. Deve-se lembrar sua participação nos Capítulos Gerais 20, 21 e 23.

5. P. *LOPEZ Pedro, para a Inspetoria de Madrid (Espanha)*

Nascido em Madrid a 31 de março de 1936, é aluno da escola salesiana de Madrid-Estrecho. Após ter amadurecido a vocação salesiana entra no Noviciado de Mohernando, onde faz sua primeira profissão religiosa a 16 de agosto de 1954. Após o tirocínio, fez os estudos teológicos em Salamanca, onde é ordenado sacerdote a 19 de março de 1964.

Alcança o diploma em Ciências químicas em Madrid e durante vários anos trabalha como educador e professor. Em 1972 é nomeado diretor da casa de Bejar, de onde passa — em 1972 — para a casa “Maria

Auxiliadora” de Salamanca. Durante seis anos, de 1982 a 1988, é Vigário Inspetorial e diretor da casa Inspetorial de Madrid.

Em 1988, no final do sexênio, fora mandado como diretor do grande colégio de Madrid-Estrecho.

6. P. *MACIEL João Bosco, para a Inspetoria de Campo Grande (Brasil)*

Nasceu na cidade de N.S. do Livramento, no Mato Grosso, a 25 de abril de 1942; freqüenta o colégio salesiano de Cuiabá e daí passa para o Noviciado de Campo Grande; faz sua primeira profissão religiosa a 31 de janeiro de 1963. É ordenado sacerdote em Cuiabá no dia 8 de dezembro de 1973.

É licenciado em Letras e aperfeiçoa-se em catequética na Universidade Salesiana de Roma. Pela experiência acumulada nos vários cargos é-lhe confiado o serviço de Vigário Inspetorial desde 1983. Em 1984 é nomeado também diretor do aspirantado “São Vicente”, em Campo Grande, de onde passa, em 1987, para a direção do estudantado “Paulo VI” na mesma cidade de Campo Grande.

7. P. *MAZZALI Giovanni, para a Inspetoria Ligure-Toscana (Itália)*

Natural de Turim, onde nasceu a 19 de fevereiro de 1947, João Mazzali entrou aos 11 anos no aspirantado de Ivrea: aqui amadureceu sua vocação salesiana, passando depois para o Noviciado de Villa Moglia perto de Chieri, onde a 16 de agosto fez a primeira profissão religiosa. Após a prova prática, fez os estudos teológicos em Maynooth, na Irlanda, e foi ordenado sacerdote a 7 de dezembro de 1974 (em Cumiana).

Alcançada a licença em Teologia e o diploma em línguas, com a habilitação para o ensino, foi educador e professor durante vários anos. Transferido para a Inspetoria Ligure-Toscana, foi para Alássio antes como professor e depois a partir de 1987 — como diretor.

8. P. *MUÑOZ Eusébio, para a Inspetoria de Córdoba (Espanha)*

Natural de Pozoblanco (província de Córdoba) onde nasceu a 26 de dezembro

de 1944, faz o seu Noviciado em S. José del Valla e a 16 de agosto de 1962 emite a primeira profissão religiosa salesiana. Após a experiência do tirocínio, realiza os estudos teológicos em Granada e em Córdoba, e no dia 22 de julho é ordenado sacerdote.

Consegue a licença em Ciências econômicas e o diploma de "Magistério"; dedica-se à missão de educador e professor.

Em 1977 é nomeado diretor da casa de Ronda, de onde em 1979 passa a dirigir o colégio e o centro de orientação vocacional de Montilla. Em 1983 este centro vocacional transfere-se para Córdoba e ele continua como diretor. No ano seguinte é chamado a assumir o encargo de Mestre dos noviços em Sanlúcar La Mayor. Fica só um ano neste serviço, porque em 1985 volta à inspetoria para dedicar-se à orientação vocacional, fazendo parte da equipe do pré-noviado.

Membro do Conselho Inspetorial durante seis anos (1979-1985), desde 1987 era Vigário Inspetorial e delegado da Pastoral Juvenil. Participou como delegado ao CG23.

9. P. NATALI Paolo, Superior da Visitadoria da UPS

Para animar e guiar a Visitadoria da UPS foi chamado o P. Paolo Natali, que no mês de abril de 1990 concluíra o seu mandato de Conselheiro para a Formação.

Nascido em Arezzo, a 24 de março de 1925, Paolo Natali teve os primeiros contactos com a vida salesiana no aspirantado de Strada Casentino; passou para o Noviciado de Varazze, e a 16 de agosto de 1941 emite a sua primeira profissão.

Após a prova do tirocínio, seguiu os estudos de teologia na Crocetta em Turim e concluiu-os no estudantado de Bollengo, onde foi ordenado sacerdote a 1º de julho de 1951.

Diplomado em Filosofia, durante vários anos foi professor e educador no Liceu de Alássio. Em 1972 foi nomeado Vigário Inspetorial da Inspetoria Lígure-Toscana. Participou, ativamente, como delegado aos Capítulos Gerais 20 e 21; e exatamente no CG21 foi eleito Conselheiro regional para a Itália e o Médio Oriente. Em 1980, com a morte de P. Juvenal Dho, foi convidado, pelo Reitor-Mor, para trabalhar como Conse-

heiro para a Formação: reconfirmado neste serviço pelo CG22, desempenhou-o com grande dedicação até o recente CG23.

10. P. NIHOUL Fernand, para a Inspetoria da Bélgica Sul

Fernand Nihoul nasceu a 2 de março de 1932 em Landenne s/M, na província de Liège, e ainda garoto entrou no colégio salesiano de Liège, onde amadureceu a vocação salesiana. Feito o Noviciado em Balldain, emitiu a primeira profissão no dia 31 de agosto de 1953.

Após a experiência do tirocínio, foi mandado para Turim-Crocetta para fazer os estudos teológicos; aí conseguiu a licença em Teologia e foi ordenado sacerdote a 11 de fevereiro de 1963.

Depois de uma intensa experiência educativa e apostólica, em 1977 foi nomeado mestre dos noviços, encargo que desempenhou durante 12 anos. De 1979, por nove anos, foi também Vigário Inspetorial. Participou ativamente dos Capítulos Gerais 21 e 22.

11. P. ORDUNA Cândido, para a Inspetoria de Valência (Espanha)

Cândido Orduna Abadia nasceu a Urríés, na província de Saragoça, a 31 de março de 1936. Estudou no colégio salesiano de Gerona e fez o Noviciado em Ibi, professando pela primeira vez a 16 de agosto de 1961.

Após o tirocínio prático freqüente o curso de teologia em Barcelona, recebendo depois a ordenação sacerdotal em sua terra natal no dia 29 de junho de 1971. Alcança a habilitação para o Magistério e a licença em Ciências catequéticas.

Em 1983 é nomeado diretor do colégio "Dom Bosco" de Alicante. Em 1986 começa a fazer parte do Conselho Inspetorial e em 1989 é nomeado Vigário do Inspetor e diretor da casa Inspetorial de Valência.

No CG23 participou como delegado da Inspetoria.

12. P. TAFUNGA Jean-Pierre, para a Inspetoria da África Central

Natural da província do Katanga, no

Zaire, onde nasceu a 13 de agosto de 1943, entrou na Congregação salesiana fazendo o Noviciado na casa de Kansubula e professando pela primeira vez a 28 de agosto de 1965; após o tirocínio prático e o estudo da teologia, foi ordenado sacerdote a 16 de setembro de 1972.

Especializado em eletrotécnica em Liège, na Bélgica, foi nomeado diretor da escola técnica de Goma em 1981. Esteve depois na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma para completar os estudos teológicos e em 1989 foi chamado a dirigir a comunidade de formadora de Kansubula.

Em 1990 participou como delegado do CG23.

13. P. TESTA Luigi, para a *Inspetoria Meridional*

Como sucessor do P. Antonio Martinelli, eleito Conselheiro Geral para a Família Salesiana e a Comunicação Social, foi escolhido o P. Luigi Testa.

Nascido a 24 de maio de 1940 em Muzazzo (Cúneo), sente o chamado à vida salesiana e, depois de um período passado na casa de Chieri, entra no Noviciado de Pinerolo, onde professa pela primeira vez a 16 de agosto de 1960.

Feitos os estudos de teologia em Turim-Crocetta, é ordenado sacerdote a 3 de abril de 1971. Alcança a licença em teologia e a habilitação para o ensino nas nossas escolas secundárias.

Logo em seguida foram-lhe confiadas tarefas de responsabilidade: em 1974 é nomeado diretor da casa de formação de Chieri; depois em 1978 é transferido para dirigir o instituto técnico agrário de Lombriasco. Em 1981 os Superiores confiam-lhe a responsabilidade de guiar e animar, como Inspetor, a Inspetoria Subalpina.

No final do mandato, concluindo o ano centenário da morte de Dom Bosco, em 1988, fora nomeado diretor da casa de Turim — Valsállice.

14. P. THELEKKATT Joseph, para a *Inspetoria de Guwahiti (Índia)*

Nasceu a 12 de outubro de 1945 em Kudukuty, no Querala; depois de ter frequentado a escola de Bandem, entrou no Novícia-

do de Shillong, onde emitiu a primeira profissão religiosa a 7 de abril de 1966.

No Assam realizou as primeiras experiências apostólicas salesianas; depois passou para o estudantado de Bangalore para os estudos teológicos e no dia 30 de dezembro de 1974 foi ordenado sacerdote em Kudukuty, em sua terra natal.

Em 1980 os Superiores chamavam-no a dirigir a casa de formação "St. Paul" de Shillong; em 1984 foi nomeado Mestre dos noviços no Noviciado de Shillong-Sunnyside.

Desde 1986 era Vigário Inspetorial. Em 1990 participou como delegado ao CG23.

15. P. VAN HECKE Albert, para a *Inspetoria de Bélgica Norte*

Nasceu a 1º de setembro de 1941 em Sleiding (Bélgica), foi aluno da escola salesiana de St. Denijs-Westrem, da qual passou ao Noviciado de Groot-Bijgarden, e no seu término fez a primeira profissão a 25 de agosto de 1962. Concluiu as primeiras experiências salesianas e o itinerário formativo com a ordenação sacerdotal a 12 de setembro de 1970 em Oud-Heverlee.

Diplomou-se em Ciências morais e religiosas (Louvãina 1972) e dedicou-se à missão de educador. Em 1986 foi nomeado diretor da escola salesiana de Hechtel e em 1989 foi transferido para a direção da escola técnica de Saint-Pieters-Woluwe. Desde 1984 fazia parte do Conselho Inspetorial de Bruxelas.

16. P. VISENTINI Amilcare, para a *Inspetoria do Uruguai*

Amilcare Visentini é natural de Pozzuolo del Friuli (Údine) onde nasceu a 28 de setembro de 1941. Aos 12 anos entrou no aspirantado de Trento e depois passou para o Noviciado de Albaré (Verona), terminado o qual fez a primeira profissão a 18 de agosto de 1959.

Atraído pelo ideal missionário, partiu para o Uruguai, onde fez o tirocínio e frequentou os estudos teológicos: no dia 13 de setembro era ordenado sacerdote em Manga — Montevidéu.

Logo em seguida os Superiores confiaram-lhe encargos de animação e de governo: em 1973 era nomeado diretor da gran-

de escola profissional "Talleres Don Bosco" em Montevidéu; depois em 1981 foi mandado para o Noviciado como Mestre dos Novícios e sucessivamente também como diretor. Durante três anos foi também Vigário Inspetorial.

Em 1989, depois de 9 anos passados no Noviciado, foi novamente mandado para dirigir a casa "Talleres Don Bosco" em Montevidéu.

Além dos Inspetores acima mencionados, o Conselho Geral reconfirmou no encargo para um segundo sexênio os dois seguintes Inspetores:

17. P. KELER Joseph, para a Inspetoria da Áustria

18. P. PICCHIONI Alfredo, para a Inspetoria do Médio Oriente

Para os dados cf. ACG 312 p. 75 e ACG 313 p. 45

5.4. Novos bispos Salesianos

Apresentamos algumas notícias de três nossos irmãos salesianos que foram elevados à ordem episcopal nestes últimos meses.

1. Dom Tarcisius RESTO, bispo auxiliar de Shillong

O *Osservatore Romano* de 29 de junho de 1990 publicava a notícia que o Santo Padre elevava a ordem episcopal o sacerdote salesiano Tarcisius Resto, nomeando-o "auxiliar" da Arquidiocese de Shillong, no Assam (Índia).

De origem assamês, tendo nascido em Tyrna, na província de Shillong, a 16 de outubro de 1918, Tarcisius Resto sentiu-se atraído pela vocação salesiana quando era jovem estudante no colégio de Shillong, e, depois de ter feito o Noviciado em Kotagiri, professou pela primeira vez a 24 de maio de 1950.

Em Shillong realizou suas primeiras experiências apostólicas e completou os seus estudos de filosofia e teologia, recebendo a ordenação sacerdotal no dia 26 de junho de 1960.

O seu apostolado de sacerdote foi essencialmente o de "missionário" com o estilo de Dom Bosco: trabalhou assim no Assam e em outras regiões do Nordeste da Índia, foi conselheiro inspetorial, até quando em 1976 foi nomeado Vigário geral da Arquidiocese.

Agora ele passa a colaborar ainda mais estritamente com o seu Arcebispo salesiano Dom Hubert D'Rosario, com a plenitude da ordem episcopal.

2. Dom Miguel José ASURMENDI, bispo de Tarazona (Espanha)

A eleição de Dom Miguel José Asurmendi como Bispo da Diocese de Tarazona foi publicada no *Osservatore Romano* no dia 28 de julho de 1990: a notícia foi recebida com alegria pelos salesianos da Espanha, sobretudo pelos irmãos da Inspetoria de Valência onde o bispo eleito acabou de concluir o seu serviço como Inspetor, durante sete anos.

Nascido em Pamplona na Navarra a 6 de março de 1940, Miguel Asurmendi ouviu desde criança (no colégio de Pamplona) o chamado a ficar com Dom Bosco para o serviço dos jovens, e aos 17 anos fizera sua primeira profissão religiosa em Arbós, onde fizera o Noviciado.

Após as experiências apostólicas do tirocínio e o estudo da teologia, foi ordenado sacerdote em Barcelona a 5 de março de 1967. Quase logo em seguida foi chamado a encargos de responsabilidade: diretor da grande casa de Saragoça de 1972 a 1978, depois da casa de Valência "São Vicente Ferrer", ao mesmo tempo foi conselheiro Inspetorial, quando em 1983 foi-lhe confiado o encargo de dirigir e animar a Inspetoria de Valência.

Na diocese de Tarazona, uma pequena diocese de Aragão, que o recebe como pastor, ele continuará a expressar a caridade pastoral vivida na escola de Dom Bosco.

3. Dom Charles MAUNG BO, bispo de Lashio (Birmânia)

No dia 14 de agosto de 1990 o *Osservatore Romano* publicava ainda uma notícia que interessa de perto a nossa Congregação: o Santo Padre, de fato, decidira elevar

à Diocese a Prefeitura Apostólica de Lashio, na Birmânia, promovendo à ordem episcopal o sacerdote salesiano *Charles Maung Bo*, que desde 1986 era Prefeito Apostólico.

Charles Maung Bo é um salesiano birmânês, natural de Monhla, na diocese de Mandalay, onde nasceu a 29 de outubro de 1948. Tendo entrado na casa de Dom Bosco em Anisakan como aspirante, fez seus estudos, professando como salesiano no dia 24 de maio de 1970. Após um intenso ti-

rocínio apostólico e o estudo da teologia, foi ordenado sacerdote em Lashio a 9 de abril de 1976.

O seu apostolado entre os jovens e o seu povo foi logo apreciado; por isso, ainda jovem a Santa Sé o fez antes Prefeito Apostólico e agora Bispo de Lashio. Conhecendo a difícil situação social e religiosa desta terra, o novo bispo sabe que pode contar com a oração e a solidariedade dos seus irmãos salesianos.

5.5. Irmãos falecidos (1990 — 1º elenco)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const.).

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP
P ALBERTI Innocente	Torino	21.12.89	88 ISU
P ALQUIER Antoine	Toulon	19.04.90	69 FLY
L ANCARANI Giuseppe	Bologna	22.04.90	87 ILE
L ANDREJASIC Oscar	Paterson	03.03.90	75 SUE
P ARANTES PEIXOTO Sebastião	Campo Grande	16.07.90	67 BCG
L ARCARO Antonio	Soverato	06.01.90	76 IME
L BACIS Secondo	Cremona	23.08.90	84 MOR
P BANHIDAI János	Budapest	03.08.90	77 UNG
P BARANOWSKI Ferdynand	Czestochowa	14.02.90	54 PLO
P BARONI Emilio	Bangkok	31.07.90	80 THA
P BARTOLONE Santi	Trapani	24.12.89	91 ISI
P BARWA Dominic	Dibrugarh	29.08.90	67 IND
P BENOT RODRIGUEZ Eduardo	Alcalá de Guadaira	09.02.90	59 SSE
P BERNARDI Angelo (Reginato)	Shindenbaru-Nakatsu	26.09.90	82 GIA
L BERRA Francesco	Torino	21.12.89	87 ICE
P BLODERER Josef	Alkoven	25.06.90	57 AUS
P BODAY Lajos	Székesfehérvár	21.12.89	78 UNG
P BONGIOANNI Marco	Roma	04.02.90	69 RMG
L BOTTA Héctor	Mar Del Plata	20.04.90	88 ALP
P BOTTER Richard	Rijswijk	19.01.90	66 OLA
L BOZIC Janko	Ljubljana	19.12.89	83 JUL
P BRADEN Federico	Bogotá	13.11.89	78 COB
P BRIVIO Giovanni	Arese	28.07.90	79 ILE
L BRUSASCO Ettore	Cuenca	01.09.90	73 ECU
P BUSQUETS Francisco	Bernal	26.06.90	82 ALP
P CARAVIELLO Pasquale	Napoli	30.12.89	59 IME
L CARRASCO MORENO Francisco	Burgos	07.03.90	56 SLE
P CASTELLARO BRUVERA Vicente	Concepción del Uruguay	13.03.90	75 ARO
L CASTILLO ARAYA Luis	Santiago de Chile	11.02.90	80 CIL
P CHESI Bernardino	Quito	22.05.90	74 ECU
P CHINELLATO Primo	Gorizia	23.09.90	85 IVE

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P CHU Elias	Hong Kong	29.05.90	65	CIN
P CLAUS Erwin	Klagenfurt	19.05.90	90	AUS
P COCCHI Alighieri Dante	Ortona	30.01.90	76	IAD
P CODELLO Angelo	Tirupattur	23.03.90	77	INM
P CORDERO DOMINGUEZ Fco. Javier	Madrid	25.05.90	53	SMA
P CREPELLIERE Louis	Paris	21.06.90	70	FPA
P CROCE Roberto	Rosardo	03.03.90	70	ARO
L CUNHA Domingos Geraldo	Pará de Minas	21.12.89	75	BBH
P DEL AMO PRIETO José Luis	Blanes	29.04.90	54	SMA
P DI COLA Angelo	Roma	13.02.90	68	IRO
P DONCEVIC Rikard-Zvonko	Krapinske Toplice	14.07.90	74	JUZ
P DONINI Enrico	Manta	21.06.90	73	ECU
P DONNO Leonardo	Casarano	25.07.90	72	IME
P ENNING Fernand	São João del Rei	27.06.90	87	BBH
L FACCCIN Clement	Guadalajara	24.02.90	81	MEG
P FILIPPELLI Pasquale	São Paulo	26.03.90	69	BSP
P FRANCO Salvatore	Palermo	17.04.90	84	ISI
L GAMBA Romildo	Torino	27.06.90	77	ISU
P GARECKI Stanislaw	Kraków	30.04.90	82	PLS
P GIARDINA Girolamo	Modica	08.06.90	81	ISI
P GILI Luigi Pasquale	Varazze	20.01.90	74	ILT
P GIUA Stefano	Roma	22.07.90	82	IRO
P GOMEZ GIL Luis	Puebla	21.04.90	76	MEM
L GONZALEZ CORRAL Ubaldo	Sevilla	06.05.90	79	SSE
P GRECO Ugo	São Paulo	22.06.90	77	BSP
P GRZEBIEN Medardo	Santiago de Chile	18.01.90	90	CIL
P GUIDORENI Giuseppe	São Paulo	02.03.90	73	BSP
L HANLY Thomas	São Gabriel da Cachoeira	20.09.90	55	BMA
P HARO JACOME Julio	Riobamba	13.03.90	94	ECU
P ILENCIK Rodolphe	Montpellier	02.04.90	75	FLY
L INAREJOS RUIZ Adolfo	Jerez de la Frontera	30.12.89	82	SSE
P JAKOB Avgustin	Verzej	05.03.90	78	JUL
<i>Foi Inspetor por 10 anos.</i>				
E JARAMILLO Héctor	Sincelejo (Colômbia)	16.09.90	66	
<i>Foi por 8 anos Prefeito Apostólico do Ariari e por 9 anos Bispo de Sincelejo (Colômbia).</i>				
P JENNINGS Thomas	Lourdes (França)	22.06.90	83	GBR
P JUARISTI BADIOLA Benjamin	Roma	15.05.90	61	SVA
P KELLY John	Manchester	12.02.90	89	GBR
L KRUMKAMP Alfred	Essen	02.06.90	83	GEK
L LA MALFA Antonio	Caltanissetta	26.12.89	79	ISI
P LE BORGNE Marcel	Caen	26.05.90	53	FPA
P LE QUELLEC Marcel	Lille	18.09.89	69	FPA
L LE RU Jean-Marie	Grantheville	26.07.90	93	FPA
L LESCANO GALLEGO Carlos	Córdoba	24.02.90	70	ACO
P LOMAGNO John	West Haverstraw	24.07.90	83	SUE
L LYONS Hubert	Farnborough	12.04.90	80	GBR
P MAGNI Mario	Roma	16.05.90	86	IRO
P MAK Kun-kim Joseph	Hong Kong	20.04.90	57	CIN
L MAMMONI Francisco	São Paulo	07.07.90	96	BSP

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P MARTANO Angelo	Torino	02.04.90	85	ISU
P MARTIN GOMEZ Antonio	La Coruña	04.02.90	78	SLE
P MATEOS CABRERA Francisco	Puebla	20.08.90	91	MEM
P MATYSIK Pawel	Ruda Slaska	23.04.90	74	PLS
L MIEMIEC Wilhelm	Oswiecim	07.03.90	77	PLS
P MOBILI Antonio	Campinas	12.01.90	60	BSP
L MOCCHETTI Paolo	Frascati	12.01.90	79	IRO
P MORENO MARQUEZ Rafael	Córdoba	19.02.90	62	SCO
P MUTHAMHOTIL Anthony	Madras	23.01.90	63	INM
L NAGY Giuseppe	Miyazaki	16.02.90	81	GIA
L NAYLON William	Melbourne	31.01.90	84	AUL
I NEUBAUER Rudolf	Jünkerath	08.07.90	78	GEK
P O'BRIEN John Barry Dennis	Bootle	20.01.90	74	GBR
P O'HARA James	Los Angeles	11.04.90	82	SUO
E OBELAR COLMAN Alejo	Concepción (Paraguai)	30.12.89	74	
<i>Foi Vigário Apostólico do Chaco por 17 anos.</i>				
P OTTONELLO Juan Bautista	Mar del Plata	24.12.89	77	ALP
P PAELINCK Petrus	Gent	04.06.90	77	BEN
P PEFER Heribert	Sannerz	27.08.90	78	GEK
P PEGORARO Pietro	Bahia Blanca	02.01.90	78	ABB
P PEISCH István	Budapest	20.01.90	78	UNG
P PENTECOSTE Alessandro	Caserta	01.01.90	91	IME
P PERNA Francesco	S. Giovanni Rotondo	14.03.90	79	IME
P PICARDI Rafael	Neuquén	06.09.90	64	ABB
P PLESS Jan	Oswiecim	22.05.90	67	PLS
P REDZIOCH Wladyslaw	Wroclaw	06.01.90	58	PLO
P RENSON Jean	Liège	07.08.90	73	BES
P RIBOTTA Marcelino	Bahia Blanca	21.10.89	78	ABB
P ROCCARO Luigi	Valdivia	21.02.90	80	CIL
P RODRIGUEZ GONZALEZ José	Sevilla	26.07.90	64	SCO
P RODRIGUEZ VARONA Adolfo	La Alminia de Doña Godina	15.07.90	66	SVA
P ROSSETTO Mario	Torino	27.12.89	50	MOR
P RUSSI Walter	Mogliano Veneto	28.05.90	65	IVE
P RYBICKI Wacław	Lódz	04.02.90	82	PLE
P SAENZ RIMON Juan	Montevideu	11.03.90	92	URU
L SANTANA Jesús Antonio	Bogotá	16.01.90	62	COB
S SAURBIER Lothar	Hamm	03.09.90	28	GEK
P SCHRIJVER Bernard	Gent	19.02.90	82	BEN
P SCRAZZOLO Virginio	Alasio	19.12.89	80	ILT
L SEBO Filip	Hronské Klacany	02.07.90	76	CEB
L SEQUEIRA Kenneth	Bombay	20.07.90	67	INB
P SOLIS HERNANDEZ Francisco	Guadalajara	10.03.90	55	MEG
L SUSNIK Franc	Trstenik	17.01.90	69	JUL
P SYLLA Josef	Schwandorf	12.03.90	83	GEM
P TANDOI Alberto	Vico Equense	20.04.90	76	IME
P TANEL Giuseppe	Treviso	14.11.89	76	IVE
L TARINAS ARENAS Francisco	Gerona	19.05.90	87	SBA
P TEOFILO PIMENTA José Ivan	Abreu e Lima	24.02.90	50	BRE
P TKALEC John	Los Angeles	26.12.89	81	SUO
P UGARTE GOMEZ Raúl	Lima	31.12.89	51	PER

52 ATOS DO CONSELHO GERAL

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P VALENZUELA DIAZ Santiago Oscar <i>Foi inspetor por 6 anos.</i>	Santiago do Chile	02.05.90	86	CIL
P VAN HAGENS Bernard	Roma	25.09.90	76	UPS
P VAN OOTEGHEN LIPPERT Fernando	Rondonópolis	13.03.90	79	BCG
P VANDIK Josef	Karlovy Vary	03.01.90	79	CEP
P VENTURINI Giuseppe	Verona	16.04.89	80	IVO
P VENTURUZZO Osvaldo	Guiratinga	14.09.90	82	BCG
P VERNET Juan	Caracas	05.05.90	92	VEN
P VICENTE BODEGAS Juan	Córdoba	29.12.89	83	SCO
L WAGNER Franz	Bendorf	24.09.90	91	GEK
P WHYTE George	Belfast	19.07.90	75	IRL
P WINTERS Piet	Neerpelt	27.03.90	81	BEN
L ZANOTELLI Eugenio	Pordenone	02.03.90	89	IVE
P ZANOTELLI José	Ascurra	30.03.90	82	BPA
L ZAVATTERI Giovanni	Torino	08.03.90	73	ISU
L ZURAWSKI Pawel	Kraków	05.07.90	75	PLS
P ZWENG Lorenz	Linz	01.05.90	36	AUS

Nota: Dos irmãos falecidos acima alguns faleceram em 1989, mas não foram inseridos nas listas precedentes (ou porque a notícia chegou com atraso ou por erro).